POÉTICAS

POÉTICAS:
A(S) CIDADE(S) NA LITERATURA BRASILEIRA

Alguns escritores e escritoras em atividade no Brasil foram convidados a selecionar textos literários de sua autoria que dialogassem com o tema do presente número da revista *Em Tese*, "A(s) cidade(s) na literatura brasileira". Os convites nem sempre citaram a noção do "diálogo"; às vezes pediram uma seleção "motivada" pelo tema. Não especificamos o que, nesse caso, seria "dialogar" ou "ser motivado". Os autores que aceitaram o convite não explicaram – nem lhes foi solicitado que explicassem – por que escolheram um ou outro escrito. "De momento lembro-me de alguns textos que falam sobre a cidade", disse um. "Creio que, em certas obras minhas, as cidades são personagens", destacou outro. Um terceiro, ao propor redigir algo especificamente para este número, ofereceu: "Se quiser dar pitacos... Como você pensa a relação entre Literatura e Cidade?" – pergunta que, gentilmente, deixamos sem resposta.

Nossa ideia, já implícita nas conversas com os escritores e escritoras convidados, foi incorporar nesta coletânea algo da provocativa impossibilidade de, no múltiplo e problemático âmbito da literatura e dos estudos literários, circunscrever a um único significado o termo "cidade". Nossa antologia tenciona realçar que a presença da(s) cidade(s) na literatura (seja esta qualificada ou não como "brasileira") pode ser lida e escrita de diversas maneiras, virtualmente infinitas, sem que o texto simplesmente reproduza cidades já "redigidas" e de leitura predeterminada. A literatura tem buscado e formado, nas cidades, matéria-prima para compor – no horizonte de realidades sócio-históricas – cidades e literaturas.

Apresentação

Agora, em meio a essas explicações (e inexplicações), convidamos leitoras e leitores a caminharem por esta coletânea e a (re)articularem-na. Abrimos espaço para que vocês definam como preferirem – talvez prefiram, de algum modo, jogar com indefinições – possíveis relações entre os textos reunidos e "a(s) cidade(s) na literatura brasileira". Desejamos que as cidades de vocês – aquelas que vocês percebem e imaginam quando defrontam o termo "cidade" – sejam problematizadas, tensionadas, enriquecidas por cidades construídas/convocadas na antologia. Entre os autores e autoras participantes, alguns mandaram um único texto – ainda que ponham em questão a ideia de "unidade". Outros escolheram vários textos, inéditos ou não. Nosso convite facultou o envio de obras de quaisquer gêneros, contanto que a remessa coubesse em certo limite de páginas; e aqui vemos uma ampla diversidade deles, ao lado de escritas que parecem não se ajustar a nenhum.

Ante essa heterogeneidade de cidades (e) escritas, hesitamos quanto à maneira de ordená-las. Procuramos um mapa que, sobretudo, pedisse à leitura novos mapeamentos. Decidimos dispor os textos de acordo com a ordem alfabética dos prenomes ou pseudônimos de seus autores e autoras: Ana Elisa Ribeiro; Cidinha da Silva; Cuti; Eliana Alves Cruz; Fernando Bonassi; Jeferson Tenório; Luis Alberto Brandão; Rafael Fava Belúzio (que contou com as colaborações de Camila Monteiro de Lima, Gilmar Soares, Paulo Bevilacqua, Thiago Assis Felisberto Petronilho e Otávio Ferreira); e Richard Plácido. Cada seção-autor é aberta com uma nota composta de informações sobre esses nomes e os textos aqui publicados. A porta está aberta, são várias as possíveis entradas: sigamos.

*

Tiago de Holanda Padilha Vieira
(organizador)

ANA ELISA RIBEIRO é mineira de Belo Horizonte, onde nasceu em 1975. Publicou oito livros de poesia, desde 1997, sendo os mais recentes *Álbum* (Relicário, 2018, Prêmio Manaus) e *Dicionário de Imprecisões* (Impressões de Minas, 2018, finalista do Jabuti 2020). É autora também do livro *Renascença*, da coleção *BH. A Cidade de Cada Um*. É doutora em estudos linguísticos pela UFMG e professora titular do CEFET-MG. É autora também de livros de crônica, contos breves e infantojuvenis.

*

"Renascença", "Raso" e "Visitante" são poemas de *Fresta por onde olhar* (InterDitado, 2008); "Epifania" está no *Álbum*; "Luto" e "A descida" são inéditos.

renascença
A casa em que eu vou morar
com meus homens
quase todos
fica em um terreno plano e raro
na região nordeste da capital
na esquina exata entre
os meus sonhos
e as tarefas de dona de casa.

É um terreno quase quadrado
simétrico e alinhado
com as duas ruas
que o ladeiam.

Embaixo dele é aterro.
Sobre ele plantarei meu último suspiro.

A casa é antiga e feia.
Depois que me tornei dona dela,
chamei um engenheiro
que reformou o meu futuro.

Comprei janelas caras.
Refiz os batentes das portas.
Reorganizei o telhado,
mas ele continuou de vidro.

Ainda não há armários
onde eu possa guardar
minhas roupas quase iguais.
Meus sonhos,
que eram imensos,
haverão de caber dentro
das caixas de sapatos.

Na mudança,
estarei muito preocupada
em trazer meus anéis
e minhas memórias,
mesmo as que estão
quase apagadas,
e os relógios,
por onde meço
meus desapegos.

Nesta casa,
viverei minha infância.
Minha velhice será lenda.
Gosto da nova casa,
onde nem tudo será novidade,
mesmo quando constato, aliviada,
que lá de dentro não vejo nada.

Não há vista,
nem há os lados.
Apenas os muros
altos e fechados
e o céu zenital
jamais alcançado.

raso
Não me movo
neste espaço
por acaso.

Entre um lado e outro
destes braços
tem um raso.

Ímã, fivela, argola,
nada disso
cola.

visitante
bem-vindo à minha cidade.
estou toda às ordens,
fique à vontade.

Mas finja, por favor,
enquanto estiver aqui,
que este amor
é de verdade.

Epifania
para S

segunda despedida
desta vez, temos uma fotografia
com isso poderemos sempre mirar
a rambla, os prédios & nossa alegria

o que será nossa vida, além de
um cordão de despedidas?
fio de adeus às vezes próximos
- outra vez raros feito o tempo

que desafortunada
a velhice demente de minha bisavó:
que acordava sempre
no mesmo dia
da morte do marido

tempo vindo, tempo ido
nosso patrimônio seja
qualquer lembrança vívida
à luz de sorriso e muito livro

luto
perguntam amiúde
como você está?

explicar as perdas
se parece
com cultivá-las

aprendo com meu jardim
a ir morrendo
em silêncio

A descida
o dia infinito de aprender o que é o mar:
a viagem costurando montanhas
palidez de enjoos do ar infrequente
enquanto o carro pesponta as serras
que nos quiseram ensinar na escola
mas que não soubemos apreciar

nos velhos mapas de relevo
a noção que não tínhamos
de que, daqui, tudo é descida

chegados de longe e diante do imenso
o medo das passadas dentro d'água
não água parada; água viva, água renovada
conhecer praia, água salgada, areia movediça
enorme vaga e fímbria de areia branca
onde o mar vem dar e tirar,
mas o que nos ocorria pensar e sopesar:
enquanto a terra está sempre lá.

Cidinha da Silva (MG) é escritora e editora na Kuanza Produções. Publicou 19 livros, entre eles *Um Exu em Nova York* (Prêmio Biblioteca Nacional, 2019) e *Os nove pentes d'África* (PNLD Literário 2020). É curadora do programa-web *Almanaque Exuzilhar* (YouTube) e conselheira da *Casa Sueli Carneiro*.

*

"Águas de maio" foi publicado na revista *Suplemento Pernambuco* (n. 182, abril de 2021). "Thriller", "O dia que o livro foi traje de gala", "Fela Kuti na Broadway" e "Construção" participam do livro *Oh, margem! Reinventa os rios!* (Oficina Raquel, 2020).

Vivia assim, dividida entre a montanha e o mar, desde a infância. No meio da montanha tinha casa, casa de todo dia. O mar abrigava o sonho, o refúgio, a fantasia, até descobriu uma ciência em que cabia seu desejo do mundo, a oceanografia.

Na casa de todo dia tinha o pesadelo do trator e da retroescavadeira que a perseguiam e acordavam no susto. O trator passava por cima de tudo, derrubava as casas e as árvores de frutas, as gangorras nos galhos da mangueira, o zanga-balanga na frente da casa da tia, destruía as hortas, as casas da criação. Matava o pequizeiro, árvore do Cerrado, entre tantas plantas do Cerrado que existiam por ali.

O pé do rei do Cerrado, propriedade coletiva, ficava na Rua Trifana, entrada da comunidade e alimentava o povo todo da Vila Real Pombal do Curral Del' Rey. Comiam pequi cozido na água com uma pitada de sal, com arroz, com frango, os pratos de jaca com pequi, que a mãe aprendeu a fazer na casa da patroa vegana.

Na Vila, as crianças pequenas já aprendiam a comer pequi segurando com a mão e raspando com os dentes inferiores. O que se come da fruta é uma polpa fininha que você deve morder com cuidado, senão atinge uma camada de espinhos minúsculos que grudam na língua e lábios.

A retroescavadeira não tinha função prática no pesadelo, ficava parada, inativa, aguardando não se sabia o quê.

Renata não contava o sonho recorrente a ninguém e sempre que a lembrança a incomodava durante o dia, ela se refugiava no mar, aquele conselheiro misterioso e encantador. Falava do mar como se o conhecesse, como se tivesse estado lá por diversas vezes, como se ele a aguardasse para o reencontro com uma amiga querida. Chegou a iniciar um livro escrito à mão, *Aventura em mar aberto* era o título, inspirado nas séries de aventura lidas na escola, casos de detetives que procuravam borboletas, de meninos urbanos em férias numa fazenda, envolvidos com vacas leiteiras, vacas bravas, histórias de canoas à deriva no rio, de meninos que se perdiam na mata. Pensava que a sua seria uma aventura de verdade, no mar aberto, valendo-se dos próprios recursos técnicos para dominar o mar, além da coragem que ela julgava ser maior que a de todas as outras crianças.

Para construir a ambiência marítima da aventura, pesquisava sobre embarcações, pesca em alto-mar, baleias, golfinhos, cavalos-marinhos, arraias, pescadores, náufragos, tubarões, ventos, queria escrever um livro convincente, com fundamentação científica, não as aventuras que os colegas amavam e ela considerava tolas. Os estudos varavam a noite, acendia a pequena luminária no chão, entre a cama e a parede para não incomodar as irmãs que dormiam no mesmo quarto. Eram livros da biblioteca pública estadual, para a qual ela caminhava durante uma hora feliz, bebia água no bebedouro, sentava por três horas para ler as revistas científicas, escolhia algum livro na sessão de empréstimos e antes de entardecer caminhava por mais uma hora de volta à Vila.

O livro da aventura marítima nunca foi escrito, mas o caderno com as anotações e croquis de animais marinhos e barcos a acompanhou para sempre, inclusive nos dias de prova de vestibular para o curso de Oceanografia que não ocorreu numa cidade de água, mas numa outra de concreto. “Aventura em mar aberto” era um amuleto que lhe lembrava que o sonho podia ser bússola, e quando se perdesse de si, a retomada do sonho podia reorientar o caminho.

Em casa, a família tinha muito medo das águas, não das águas do mar, que mar ali por perto não havia, mas das chuvas. Morar dentro de uma montanha tinha esses contratempos, muita memória de deslizamentos de terra, do desespero de ver tudo destruído, de perder vidas, de reconstruir a vida do zero. E ainda agora o agravamento dos perigos pelo descontrole do tempo, pelo aquecimento global. O enfrentamento de chuvas cada vez mais fortes e fora de época.

Um medo de duas faces assombrava o povo da Vila Real Pombal, que o morro viesse abaixo pela chuva ou pelos tratores da prefeitura.

Os pais de Renata, que alternavam períodos de sono e vigília nas noites de chuva e tinham ouvidos treinados para acompanhar a movimentação do barranco, o som das casas vizinhas e suas rachaduras, a voz dos bichos que sempre anuncia quando uma desgraça está para acontecer, naquele momento tinham o sono roubado pelo fantasma da desapropriação. A prefeitura tinha anunciado o fechamento da boca de mina na Serra do Curral, a recuperação da vegetação de Campos de Altitude, Cerrado e Mata Atlântica para

construir um parque, uma reserva ambiental para a cidade e, como era de se esperar, expulsariam pessoas e casas que não cabiam num cartão-postal.

Os jovens universitários do morro resolveram montar o Museu Comunitário da Vila Real Pombal do Curral Del'Rey, como forma de preservar a memória do povo. Foi bonito ver aquelas moças e rapazes passando de casa em casa e explicando o que era o Museu, recebendo em troca doações e histórias.

O Seu Wilson doou uma igrejinha em madeira policromada, construção própria. Ele dizia que foi a primeira coisa feita por ele quando chegou à Vila. Era a lembrança da igreja da sua infância que tinha duas torres, janelas na fachada, uma porta central e um relógio acima dela. O sino batia a cada hora cheia marcada no relógio da igreja. E a cada dia vivido, as badaladas da memória revigoravam a imagem da infância. Então, a memória se materializou naquela pequena escultura em madeira e depois se tornou uma peça grande, pintada na parede da sala de estar da casa de Seu Wilson. Era um jeito dos visitantes entrarem na igreja que sempre morou dentro dele.

Dona Justina ofereceu ao Museu a cama que a patroa havia lhe dado de presente após seis anos como trabalhadora doméstica naquela casa; tinha 1,5 de comprimento, 60 cm de largura e noites de silêncio dolorido, humilhação, exploração, saudade sufocada, mas também de resistência de uma mulher que sobreviveu e construiu

condições para que suas filhas não tivessem que dormir numa cama como aquela.

Lilica ofertou um cinzeiro de bronze fundido, tal qual a cama de Dona Justina fora presente da patroa. Os meninos disseram que não registrariam a história da peça, aquele presente torto entraria para o Museu como provocação a quem descarta aquilo que não significa ou não presta para mais nada e dá de presente para quem cuida da sua casa, cozinha, lava roupas, cuida dos filhos, dos cachorros e gatos, lava os banheiros, foge de abusos sexuais do patrão e dos patrõezinhos.

Andressa, sua colega de escola, doou ao Museu uma lamparina de cerâmica vermelha e dourada que lembrava a lâmpada do conto infantil *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Andressa foi adotada por uma família do morro, mas seus irmãos permaneceram no abrigo. A lâmpada mágica era o único presente que ela guardara do pai biológico e, do alto de seus 12 anos de idade, a menina resolveu doar a peça ao Museu na esperança de que um dia os irmãos pudessem passar por lá, pudessem reconhecer a peça, perguntassem onde morava a dona da lâmpada e assim, ela poderia reencontrá-los.

A irmã de João do Burro, já falecido, doou um burrinho de carga esculpido em terracota policromada. João não tinha nada antes de tê-lo, era um menino sem perspectivas que carregava sacolas no mercado, sacolas grandes, quase maiores que ele. Um dia, uma senhora teve pena do menino e o levou para casa. Dava-lhe umas

sobras de comida, de cadernos e lápis, roupas usadas e desprezadas pelos filhos, contudo, qualquer coisa tinha valor diante do imenso nada da vida de João. Em outro período da vida, já adulto, depois de muitos anos de serviços prestados, a madame deu ao João como presente um burrinho de pata quebrada, que ele consertou com muito zelo.

A família de Renata doou um velocípede que alegrou a primeira infância de cada uma das três meninas. Não pretendiam ter mais filhas, nem o desejado menino, e resolveram doar o brinquedo que carregava memória de um tempo de fartura e alegria.

A desapropriação era uma questão de tempo, mas eles resistiriam até o final para tentar uma indenização decente, algum pagamento pelo terreno e não apenas por metro quadrado construído, como era hábito da prefeitura fazer.

Os pais pediram segredo às filhas sobre o apartamento comprado no Conjunto Palmital, um condomínio popular distante da cidade. O pai, previdente, tinha guardado o dinheiro da indenização da firma onde trabalhou por quinze anos como ferramenteiro. Usou o dinheiro para dar entrada na compra do apartamento. Mas era mais seguro não comentar, porque alguém poderia interpretar que a família estava tripudiando sobre o infortúnio da maioria que não tinha para onde ir, que teria de contar com aluguel social para ter moradia, com a ajuda de parentes que os recepcionasse ou, como falta de alternativa, engrossariam a população que vivia nas ruas.

Enquanto o pai calculava o horário de saída de casa para o trabalho no bairro novo, provavelmente às 4h30 da manhã, e queimava as pestanas para saber se haveria ônibus naquele horário, a mãe o tranquilizava, lógico que sim, nos bairros-dormitórios os ônibus começam a circular muito cedo, a vida é organizada em torno do trabalho. Ele se lamentava porque da Vila Real Pombal para a empresa ele gastava 35 minutos. A mãe lastimava também que as meninas tivessem de sair da boa escola onde estudavam para outras que eles não tinham ideia do que seriam e ainda precisavam se mudar até junho, porque depois disso as escolas não aceitariam transferência e as meninas não podiam ficar sem estudar.

Renata pensava que um lugar chamado Palmital deveria ter plantação de palmitos e que talvez os mercadinhos do bairro vendessem palmito local mais barato do que os supermercados da cidade. E talvez lá os pais pudessem comprar, já que na cidade não dava e também não tinha palmito na cesta básica do serviço do pai. Ela tinha comido palmito uma vez só num restaurante popular da Via Expressa e tinha gostado tanto, mas o pai dizia que não dava para comprar. Era muito caro. Comer palmito no Palmital passou a ser um desejo acalentado pela mudança forçada que dividia espaço com os pesadelos do trator ativo, da retroescavadeira quieta e os sonhos com o mar, seu porto seguro.

Naquela semana, a casa vivia uma movimentação diferente, o pai e a mãe voltavam do trabalho com uns caixotes de madeira e ficavam até tarde da noite separando coisas de cozinha e acomodando

nas caixas, embalando em jornal a louça do enxoval de casamento e protegendo com a roupa de cama dobrada. Na segunda-feira cedo, a mãe conversou com as três irmãs e avisou que naquele dia não iriam à aula, que arrumassem suas coisas nos caixotes porque no final da manhã o pai chegaria com o caminhãozinho da mudança. Ela e as irmãs até ensaiaram perguntar à mãe se não se despediriam dos amigos da Vila e da escola, mas desistiram porque perceberam o quanto ela estava nervosa e triste. Aquela tristeza curtida tão familiar no rosto das mulheres da Vila, que cuidavam sozinhas dos filhos, que perderam filhos, que trabalhavam a semana inteira e aos domingos levavam jumbo para os maridos na penitenciária de Neves, agora viam no rosto da mãe.

Será que lá tem palmito? Ai, a Renata vive no mundo da lua, diz a irmã mais velha. Do que você está falando, menina? Palmito, uai. O nome do bairro aonde a gente vai morar é Palmital? Será que lá tem plantação de palmito? Ai, cala a boca Renata, arruma suas coisas direito. Se você esquecer alguma coisa, eu é que não vou pegar.

Ela se lembrava disso agora, enquanto via pelo computador da base oceanográfica, a notícia sobre as escavações na Serra do Curral. Dois dias depois da mudança para o Palmital, caiu uma chuva que partiu a montanha ao meio. Foi barro que não acabava mais, soterrou casas e pessoas, uma tragédia, parecia premonição da lama de Mariana. Sua família se salvou, porque prestou atenção no movimento dos cães. A mãe reparou que os dois cachorros da família e os outros da vizinhança estavam inquietos e raspavam a terra

daquele jeito que eles fazem quando a morte se aproxima. Não teve dúvidas, conversou com o marido e decidiram organizar a mudança, a vida acima de tudo. Não teria problema se as filhas perdessem o ano escolar, o fundamental é que elas se mantivessem vivas e seguras.

O Palmital era longe de tudo e quase não tinha serviços por perto, mas o que ela e as irmãs mais sentiram foram as diferenças na escola. Os pais foram chamados para reunião de urgência porque, segundo as professoras, ela e a irmã mais velha deviam ficar mais caladas, pois, como já sabiam tudo o que estava sendo ministrado, atrapalhavam o ritmo da turma, elas precisavam se adaptar. As duas aquiesceram, se tornaram caladas e frustradas e cada vez mais Renata se abraçava ao mar. E ainda por cima não tinha mais acesso às revistas científicas da biblioteca estadual que lhe faziam tanta falta.

Renata até conseguia rir quando se lembrava de que no Palmital não tinha plantação de palmito, nenhum pezinho comunitário de palmito na praça como o pequizeiro da entrada da Vila, tampouco palmito no mercadinho.

Mantinha um olho na notícia sobre a escavação na Serra do Curral e outro no correntógrafo que media as oscilações das correntes marítimas para sua pesquisa. Retroescavadeiras trabalhavam na área delimitada pelos arqueólogos que haviam convencido a prefeitura de Belo Horizonte a disparar na frente de outros pesquisadores ao inaugurar a área de campo *Arqueologia de Favela*. Ainda mais ali que os moradores tinham construído um Museu dedicado

à preservação da memória material e imaterial da Vila, a partir de doações dos moradores. Renata se lembrava de que no Museu havia fotografias, vestimentas e objetos religiosos, utensílios domésticos, obras de arte, sim, obras de arte. Os objetos e as exposições tinham como pano de fundo a memória das lutas pelo pertencimento ao território, e faziam parte da narrativa das pessoas cujas histórias são negadas pela história oficial.

Saudosa, Renata recordava aquela iniciativa dos jovens universitários do morro. Sua mãe que havia perdido um tio por perseguição política na ditadura civil-militar tinha muito medo de envolvimentos com política e não deixava que ela e a irmã mais velha se aproximassem demais da moçada que tocava o Museu, porque o tio havia sido morto por ser comunista e ela não queria mais nenhum comunista na família para ser torturado e morto.

Além das peças doadas, foram soterradas as exposições permanentes: a *Memória revelada*, coleção de fotos do Du Retratista que ao longo de cinco décadas documentou festas de aniversário, casamentos, batizados, bodas de prata, festas de formatura, noivados e até churrasco comemorativo de divórcio. A instalação *Doméstica, da escravidão à extinção: uma antologia do quartinho de empregada no Brasil*, onde ficava a cama doada por Dona Justina. A coleção *Pedro Pedreiro* que discutia as condições de trabalho desumanas a que estão submetidos os trabalhadores da construção civil no Brasil.

Será que o projeto *Arqueologia de Favela* encontraria algum desses objetos nas escavações? E se os encontrasse teria algum compromisso em reconstituir sua memória? Era esse o pensamento de Renata enquanto escutava com atenção máxima, a memória do oceano.

Renata havia colado na contracapa do *Mar aberto* o panfleto que os colegas da irmã mais velha distribuíram durante a festa de coroação de Nossa Senhora do Rosário, um ano antes do acidente causado pela chuva torrencial fora de época: *"O Museu Comunitário da Vila Real do Curral Del'Rey atualiza e alarga a definição de quilombo urbano como um território negro que reivindica o direito à cidade para a população negra e moradora de favelas, desde a memória à fruição. Propomos um Museu vivo, uma força agregadora de saberes, impulsora de desejos de permanência em um espaço, a favela, como agentes de transformação que ressignificam o tempo da urbe por meio de relações mais humanas e solidárias. Este Museu é um dinamizador de afetos que almeja preservar a memória de pessoas que construíram a cidade de Belo Horizonte e pouco tiveram e têm acesso* às *suas benesses; pessoas que são hostilizadas pelos que sempre detiveram os recursos materiais, ao tempo que são explorados como* mão de obra *de baixo custo para trabalhar em suas casas ricas. O Museu oferece carne, ossos e sistema nervoso ao entendimento do conceito de gentrificação experimentado pelos moradores de favela em seus próprios corpos e em suas honradas moradias, enviados a contragosto para lugares muito distantes dos centros urbanos por ação caprichosa e desumana da especulação imobiliária. O Museu quer se ocupar de guardar a alma desses territórios negros expropriados em objetos carregados de história e humores doados ao acervo. Quer registrar os depoimentos e os sonhos das pessoas que*

são obrigadas a deixar o seu meio, mudando-se para lugares sem história. O Museu Comunitário da Vila Real Pombal do Curral Del'Rey quer ser o guardião das memórias dessas gentes, queremos dizer a elas: Vocês não estão sós, nós estamos aqui, ficaremos aqui e pedaços significativos de vocês ficarão conosco e contarão aos que vierem quem foram vocês e as riquezas humanas que construíram. Como na canção, nosso Museu é sentinela e vela pela memória dos que se foram, seja porque se mudaram, seja porque se desconectaram deste mundo. Nosso Museu é protetor da memória dos que lutaram e conseguiram permanecer, dos que lutaram e foram desterritorializados. O Museu Comunitário da Vila Real Pombal do Curral Del'Rey é a casa que grita pelo direito à cidade para os negros e moradores de favela, é o quilombo urbano que revitaliza o sentido de liberdade que erigiu os quilombos originários".

Relações mais humanas e solidárias, dizia o panfleto. Os pais de Renata se culparam o resto da vida por não terem se despedido dos vizinhos adequadamente, por eles terem morrido e pela família ter sobrevivido, mas como eles iriam explicar para as pessoas que os cachorros sentiam o cheiro da morte e eles se mudaram porque consideraram seriamente o aviso dado por eles?

THRILLER

Depois dos primeiros duzentos metros, vencidos como um velocista, Onirê encontrou uma senhora e pediu ajuda. Ela olhou para a camisa ensanguentada, abraçou a bolsa e apertou o passo. Será que ninguém tinha ouvido os tiros, a gritaria? Sinal fechado, carros parados. Os motoristas o observavam e desviavam o olhar, os surpresos, os fatalistas, os indiferentes. As mulheres fechavam o vidro, as crianças no banco de trás perguntavam o que era aquele homem cheio de sangue. Teve mãe que mandou criança calar a boca, sob pena de ser atacada por Onirê. Um jovem branco que ouvia um modão no último volume abaixou o vidro. Onirê apressou-se até o carro, começou a contar o que tinha acontecido. O sinal abriu, o motorista buzinou e arrancou, não sem antes gritar: tá assistindo muito videogame, moleque. Uma vontade de chorar, de desistir. O temor de encontrar algum policial que o enquadrasse e não acreditasse na sua história deixava um bolo no estômago e a garganta seca. Água, queria água. Sem documentos, sem dinheiro, ensanguentado. Vestia o uniforme da escola municipal, é verdade, mas e aquele menino alvejado pela polícia na favela do Rio que antes de morrer perguntou à mãe: por que o policial atirou em mim, mãe? Ele não viu que eu tava com o uniforme da escola? De todo modo, Onirê precisava de ajuda, tinha medo de não sobreviver sozinho. O desprezo doía na ferida, no osso, mas precisava insistir, buscar ajuda. Movimentou-se até um motorista de táxi que lhe deu atenção enquanto palitava os dentes, ouviu sua história e disfarçou a descrença: sinto muito, mas meu carro é alugado, não posso sujar o banco. Boa sorte aí, rapaz. Pediu auxílio a outro homem, uma senhora, uma moça. Todo mundo tinha medo,

ninguém queria se envolver. O desespero de encontrar um carro da polícia ou um policial aumentava sua angústia. Não tinha mais sangue a perder. Uma sucessão de vultos exangues o comprimia na ilha da memória. Agora o ombro latejava e ardia, era o que o deixava alerta. Decidiu então correr de novo pela vida. Lembrou-se de haver um hospital próximo, mas não estava certo sobre a direção a tomar. Pediu informação a um adolescente, parecido com seu irmão mais novo. Por sorte, o menino sabia. Mesmo muito assustado, temendo que algum perseguidor de Onirê se voltasse contra ele também, o menino Barazinho valeu-se do mantra da sobrevivência ensinado pelos pais em casa, nós por nós, e deu informações sobre a rota para o hospital. Onirê juntou todas as forças e vontade de viver e correu. Correu como um maratonista na reta final. A uma quadra do hospital, ameaçou desfalecer e implorou a um pipoqueiro: eu não sou bandido, me ajuda, senhor, por favor. O homem se levantou confuso e nem desligou o gás do fogareiro. Amparou o menino que podia ser seu neto e de imediato o avental branco ficou vermelho. A panela de pipocas transbordou e as flores do velho cobriram o chão. O que fizeram com você, meu filho? Tem atirador na escola municipal, eu estudo lá. Dois meninos invadiram o colégio com metralhadoras e machadinhas. Trancaram o portão, deram tiro pra todo lado e jogaram as machadinhas na gente que tentava fugir. Uma delas é essa que tá no seu ombro, meu filho? Sim, senhor. Eu pedi ajuda pra várias pessoas, mas ninguém quis me ajudar. O vendedor de pipocas não segurou o choro, mas manteve-se firme amparando o jovem guerreiro a caminho da portaria do hospital. Lá preencheu a ficha, assegurou que Onirê era conhecido dele. Valendo-se da amizade

que gozava com os funcionários da enfermagem, logrou atendimento rápido. Não largou da mão do menino na maca até que a mãe chegasse. Um homão daqueles, dezesseis anos, forte como um touro, correu cinco quilômetros com uma machadinha enterrada na clavícula. Sabia pelos comentários das atendentes que, três semanas antes, um menino negro, forte, parecido com Onirê, dera entrada no hospital, resfriado. Como o caso era simples, a mãe o deixara lá na seção de triagem e foi resolver aflições do desemprego. Quando voltou recebeu o corpo do filho. Nenhuma explicação. Morreu. Alguém da família, enquanto mudava a roupa do morto, notou que as carnes das costas estavam flácidas, pareciam engolidas pelo vão dos ossos. Percebeu também corte e linha dupla costurando o peito, a barriga, dois lugares nas costas. Abriram para ver. Tinha estopa no lugar do coração. Nas costas, um imenso oco. O pipoqueiro não deixaria que a história de Onirê tivesse o mesmo desfecho.

O DIA QUE O LIVRO FOI TRAJE DE GALA

Cerimoniosas, escolhemos na estante nossa melhor roupa. Aquela túnica-palavra que mais emprestasse sentidos para a vida. Palavras de amar, de desaguar, de comover, de temperar, movimentar, fazer vibrar, acordar, transcender, trovejar, de ventar fundo e causar tremor em todas as camadas das águas.

Nos vestimos belas e fomos para as ruas com nossas crianças que também escolheram as palavras que queriam vestir. Nossos livros ouviam e falavam pelo caminho até chegar ao lugar da

grande escolha. Eram vistos, tocados, fotografados, inquiridos. Recebiam olhares de alegria, curiosidade, cumplicidade, consternação, aprovação.

A caneta e o lápis, companheiros fiéis dos livros, entraram em ação, e umas pessoas anotavam os títulos das outras para pesquisar depois, para ler. Naquele dia o sonho da leitura como direito humano aconteceu. O sonho de sermos a agência da transformação pelo conhecimento, que antes de modelar os livros mora nas pessoas. O sonho do livro que não oprime, não humilha, do livro que é companheiro de luta e de caminho.

Naquele dia, orgulhosas, exibimos os livros que nos formaram, emocionaram, que nos fizeram mais humanas e que queríamos compartilhar com todos os seres, sem distinção. E fomos pássaros soltos, voamos alto. Continuamos em torno das roseiras, polinizando as flores, lutando e criando lugares de existência para permanecermos vivas.

CONSTRUÇÃO

No início de tudo, era chão batido. Ele não sabia como era feito. Sua lembrança da casa em obras começava no vermelhão, uma massa de cor intensa, à base de anilina, aplicada ao chão da cozinha. Crosta fina de cimento, areia, água e vermelho. O pai executava o serviço. A manutenção, feita com cera da mesma cor, cabia às crianças.

Nesse mesmo estágio da obra, que se estenderia por toda a vida, aplicava-se o amarelão nos dois outros cômodos, a sala e o quarto. De novo, cimento, areia, água e cor. Duas peças apenas, ainda bem. Única vantagem da casa pequena. O mesmo ritual da pasta vermelha se repetia com a pasta amarela na construção do piso. A manutenção novamente cabia às crianças. A cera amarela era pior para limpar dos dedos. Não raro, as irmãs, sem tempo hábil para cuidar delas, deparavam com um cantinho de cera à noite, em horas impróprias.

Quando a situação familiar melhorou, trocaram o piso da cozinha por uma cerâmica vermelha, espécie de taco mais largo, talvez menos comprido. Ele nunca entendeu por que o chão da cozinha da própria casa e das outras casas da vila era vermelho. Regra a cumprir, ou moda a seguir, dava no mesmo.

No último estágio da obra eterna, trocava-se a cerâmica por azulejos de estampas horrorosas, as mais baratas. Entretanto, não havia

dúvida de que aquele era o material que permitia a limpeza mais fácil.

Na sala e no quarto, o pai assentou tacos de madeira, substituindo o amarelão. A atividade lhe dava especial prazer. Contava orgulhoso que aos 14 anos, quando primeiro assinaram sua carteira de trabalho, fora como assentador de tacos, na firma do *seu* Pacífico, mas lá já trabalhava desde os nove. Por aí o filho constatava a modernidade de certos conceitos. Trabalho infantil, por exemplo, na época do pai não existia.

Assentados os tacos, iniciava-se outra tarefa inglória para as crianças: passar palha de aço no chão para amansá-los. "Passar" é eufemismo: a situação exigia esfrega com todas as forças e atenção para raspar uniformemente. O pai ensinou como devia ser realizado o trabalho, dos cantos para o meio, assim o malfeito pela preguiça não teria vez. A lógica do trabalho era que, no começo, mais descansadas, as crianças deveriam se dedicar à parte mais escondida, as laterais, ocupadas pelos móveis. O mais visível, o centro dos cômodos, ficaria para o final, porque, mesmo picadas pela mosca da preguiça, a visibilidade do espaço as obrigaria a fazer o serviço bem-feito.

Mas o amansamento dos tacos com a palha de aço produzia uma poeira infernal, um poeirão, como a batizaram, e todos os amansadores sentiam saudade do amarelão. Aquilo os fazia tossir, produzia coriza e engrossava as mãos. Dinheiro para creme hidratante não

se via naquela casa e mesmo passar óleo de cozinha ou banha de porco na pele ressecada era escondido da mãe.

A aquisição de uma enceradeira elétrica modernizou o trabalho de dar brilho à casa. Uma irmã até tirou foto abraçada ao eletrodoméstico.

Do chão para as paredes, mais uma etapa da construção. O reboco cascudo feito pelo pai denotava falta de tempo para passar a desempenadeira. As paredes nunca eram lisinhas como nas casas mais aquinhoadas. Mas, no ato de pintá-las, as crianças eram premiadas, podiam escolher a cor do quarto no vastíssimo leque de três opções: verde-pálido, azul--sem-fôlego e rosa. Tudo bem clarinho, porque uma pequena caixa de pó era diluída em um tanque de água e passava-se uma única mão de tinta na parede. Contudo, era divertido, os pequenos podiam apenas admirar um adulto trabalhando, sem qualquer obrigação infantil.

Das paredes para a laje, um salto nas alturas e na qualidade da participação dos pequenos. Dia de bater laje era dia de festa. Começava no dia anterior, quando a mãe ia ao supermercado comprar as carnes para a feijoada e deixava tudo imerso em tempero, para pegar gosto. As irmãs catavam quilos e quilos de feijão e arroz, descascavam alho, picavam cebola, cebolinha e salsa dentro das bacias feitas de lata de goiabada.

A gente nem conhecia a palavra reciclagem, mas era isso o que o pai fazia. Ele desmanchava a costura das latinhas de goiabada, abria uma por uma em cima da pedra de mármore, batia, batia o com martelo, transformava numa placa lisa, depois emendava com solda, dava forma e estava pronta mais uma bacia para usar na cozinha. Por fim, o artefato secava ao sol e descansava uns dias de molho na água com vinagre, para tirar o gosto da solda.

No dia anterior ao enchimento da laje, o pai providenciava a cerveja e uns refrigerantes no supermercado, tudo marca fundo de quintal. No raciocínio dele, a criançada queria mesmo era o bigode de espuma do refrigerante e o *tchiiii* do gás. Estava certo no diagnóstico, mas errado na receita, porque os refrigerantes que ele comprava praticamente não tinham gás, nem faziam espuma. A cachaça era encomendada de um alambique próximo.

O pai levava aquelas compras no carrinho do supermercado, todo orgulhoso e eu, menino, fascinado pelo pai provedor, acompanhava as compras e o transporte. Depois de despejá--las em casa para a mãe ajeitar na geladeira e de o pai dizer bem alto o preço de cada coisa, eu devolvia o carrinho vazio.

O dia de bater a laje, propriamente, começava de madrugada. A rapaziada ia chegando, alguns acompanhados das esposas, talvez uma ou outra noiva, namorada, doida para mostrar serviço e ser acolhida no clã. A filharada também vinha e os pequenos podiam brincar. Aos adolescentes eram destinadas algumas tarefas,

distribuídas por sexo. Basicamente, mulheres de todas as idades na cozinha e homens e homenzinhos nas várias tarefas de preparação da laje: carregar areia, brita, cimento e água para a massa; prepará--la; encher vasilhas, carrinhos de mão, latas de 20 litros ou latinhas de 5, de acordo com o vigor físico ou a necessidade de exibicionismo do cabra. Era tudo transportado em andaimes inseguros de madeira, mas ninguém caía.

Pelos andaimes passavam também as vigas de ferro, cimento, os tijolos, tudo aos gritos, que o grito era demonstração exigida de força e macheza. A virilidade alheia era questionada nas mínimas atitudes do sujeito: na careta para erguer peso, nos queixumes sobre a dureza do trabalho, nas paradas para descansar fora dos momentos coletivos de descanso, até no deslocamento da área de serviço dos homens até a cozinha, terreno sagrado do mulherio, ou nas reiteradas escapadelas ao sanitário. Em qualquer dessas situações, o ser do sexo masculino era logo colocado no rol dos de "sexo duvidoso".

Homem que era macho tinha de rir das piadas machistas, contar vantagens de conquistador, com certo cuidado para localizar as puladelas de cerca atuais no passado, na vida de solteiro, de garanhão bem-sucedido, afinal, da cozinha, as patroas a tudo prestavam atenção. E, se descuido houvesse nas narrativas do Indiana Jones do amor, o sujeito podia receber uma descompostura na frente dos amigos – humilhação terrível – e, no caso das senhoras mais drásticas, podia haver greve de sexo em casa, castigo desesperador.

Bater laje era mesmo um ritual de iniciação masculina. Ali as mulheres eram coadjuvantes, mas se vingavam no território da cozinha, onde também falavam de sexo. Diferentemente dos homens que contam vantagem sobre as mulheres da rua e santificam a esposa, as mulheres contam vantagens sobre os homens de casa. Abordam metragens, práticas e técnicas presentes na relação com o marido, sempre com o cuidado de colocar as virgens ou pretensamente virgens para correr, porque aquilo era assunto de mulher casada.

A moçada se fingia de besta, mas observava certos silêncios. Sabe lá se, quando solteiro, o marido daquela prima não teria dado umas voltinhas com a irmã daquele cunhado e agora, todo mundo junto na cozinha, não estaria falando de assuntos bem familiares? Oxalá os tais encontros tivessem mesmo ocorrido na vida de solteiro.

Bater laje era uma escola, na qual se aprendia de tudo. A laje bem batida, depois do alicerce confiável, era condição essencial para os andares futuros que subiriam aos céus. Crescimento vertical da propriedade privada de quem não tem terreno. Multiplicação de tijolos e tetos do patrimônio familiar. O pai dizia que até joão-de-barro faz casa de dois andares. É passarinho sábio e trabalhador.

FELA KUTI NA BROADWAY

Perguntei ao recepcionista vietnamita do *hostel* como chegar ao museu do Brooklyn de metrô. Ele me olhou com cara incrédula, pediu desculpas e afirmou orgulhoso que só lidava com Manhattan – o que já era muita coisa. Agradeci.

No caminho do metrô, encontrei um garoto que distribuía propaganda de um espetáculo da Broadway, *Fela!*, era o nome. Eu já havia visto muitos cartazes sobre o show, mas nem me detive, julguei que teria um preço exorbitante. O garoto, Michael, me explicou a disposição das cadeiras no teatro, os preços de cada setor, o número de músicos, dez ou doze, o número de atores, atrizes e bailarinos, mais de quinze, a monumentalidade do espetáculo. Decisão difícil. Eu iria embora no dia seguinte e, à última hora, não conseguiria bons preços. O garoto insistia, valia a pena. Outra opção seria assistir à matinê, com ingressos mais em conta, mas o horário ficaria apertadíssimo para o deslocamento até aquele aeroporto monstruoso. Há sempre que contar com a possibilidade de nos perdermos dentro dele e, se isso acontecer, é bom contar com uma reserva de tempo.

Michael fez a pergunta de praxe, de onde eu era. Quando respondi, o garoto desatou a falar de futebol. Perguntou como um técnico deixava de fora da Seleção o Ronaldinho Gaúcho. Era a pergunta que também nos fazíamos, respondi a ele. O Ronaldo Fenômeno ele também convocaria. Expliquei que para o Ronaldo não dava. Ele se lembrava do Dida, goleiro da Seleção. Comentamos como ele integrava uma estirpe de goleiros econômicos no gestual e precisos

na ação. Falamos também de Robinho, Maicon e mais sobre Ronaldinho Gaúcho.

Perguntei, enfim, sobre a localização do Museu do Brooklyn. Meu amigo morava lá e me ensinou o caminho. Estava à procura das obras do Basquiat, seguindo a orientação do posto para turistas, mas este é tema para outra história. Deixei na esquina um Michael surpreso porque eu conhecia Basquiat e queria ir ao Brooklyn para vê-lo. Resolvi assistir ao musical. Fui ao teatro e comprei o ingresso, aproveitei para me familiarizar com o trajeto que faria à noite, caminhando. Deixei o panfleto para que Michael ganhasse a comissão atribuída aos divulgadores, como ele me explicou. Fiz questão de anotar seu nome e o local onde conversamos, 42nd St *e* 6th, talvez isso garantisse algum dinheirinho extra para ele.

Minha primeira vez na Broadway. Teatro lotado. Muita gente que, como eu, conhecia e admirava a obra de Fela Kuti. Outros que o achavam *cult* ou exótico. Turistas que não tinham ideia do que faziam ali. O *script* era comprar, comprar, comprar durante o dia, tirar fotos e sentar-se na escadaria da 44th St com a 6th ou 7th para tentar aparecer em um dos telões espalhados pelos prédios. À noite, um programa cultural antes da gastronomia, Fela Kuti, o criador do *afrobeat,* era o programa da vez.

Entrei no teatro e surpreendentemente fui conduzida a um ótimo lugar. Ainda bem que cheguei cedo, pois meia hora antes de começar

o espetáculo, a banda se apresentou. Era a parte branca e oriental do elenco.

Era perceptível a diferença de hábitos do público. As pessoas levam para as cadeiras aqueles copos gigantescos de refrigerante ou latinhas, além das bebidas mais quentes, como no cinema. O próprio material de divulgação convida: "Você é bem-vindo a beber na sua cadeira enquanto assiste ao show". E mais, o bar fica aberto durante o espetáculo, do início até o final da segunda parte. Você pode sair do seu lugar, tomar um drinque e voltar. Não sei se todos os teatros seguem essas regras, o Jujamcyn seguia.

É mesmo uma superprodução! Cada pequeno espaço do teatro torna-se parte do cenário, ornamentado por máscaras étnicas, fotografias, imagens, pinturas, colagens, objetos diversos do universo criativo de Fela.

A banda se retira e tem início um espetáculo de teatro, música e dança de duas horas e meia. O texto é excelente, todo baseado na biografia autorizada de Fela, escrita por Carlos Moore que, aliás, processava os produtores, pois montaram o espetáculo à sua revelia. Havia atores e atrizes bons, outros nem tanto. O ator principal, Sahr Ngaujah, tem performance corporal e textual ótima, mas é fraco no canto. Saycon Sengbloh, por sua vez, a atriz que interpreta Sandra, a amante nova-iorquina de Fela, cantava muito bem. Outro destaque, o maior que pude ver, foi Lillias White, representando a mãe de Fela.

O percussionista estava mais para *performer* espalhafatoso do que para músico e um ou outro ator se destacava no canto ou na dança.

Fomos expostos a uma compreensão estadunidense-nova-iorquina dos Orixás. Xangô, por exemplo, só consegui reconhecer pelo oxê. Tornaram-no um orixá emplumado, um misto de representação zulu com a cena da caça às aves selvagens da tumba de Nebamun. E muita dança, muita coxa em destaque, muito suor dos bailarinos. Afora o texto e a interpretação de Lillias, nada me emocionou, realmente. Foi meu batismo no esquemão da Broadway.

Cuti é pseudônimo de Luiz Silva. Escritor, mestre e doutor em literatura brasileira, foi um dos fundadores e membros do Quilombhoje (de 1983-1984) e um dos criadores da série *Cadernos Negros*, em 1978, na qual publicou poemas e contos em 41 de suas 42 edições, até 2019. Com 22 títulos autorais, sua obra abarca os gêneros conto, poesia, ensaio e teatro. Somam-se, em coautoria, 5 livros e 1 *cd* (poemas), além de textos publicados em várias antologias no Brasil e no exterior. Mais informações podem ser encontradas em **www.cuti.com.br**.

*

O conto "Memória suja" está no livro *A pupila é negra* (Malê, 2020). Os poemas "Belohorizontando" e "Um cenário de São Paulo", em *Sanga* (Mazza Edições, 2002). E "São Paulo", em *Poemas da carapinha* (Edição do Autor, 1978).

MEMÓRIA SUJA

Havia chegado fazia um quase nada de tempo. Umas fomes pelo caminho, outros maus tratos, por fim a capital. Mas, até achar Judásio, foi um intenso tropeçar em sombras. Se perdeu muito na "locomotiva da nação". Dois dias de aflição no meio de tanto zumbido de carro, um pigarro congestionado no peito e sobressaltos de sono em atraso, chega à porta de uma venda em bairro distante, onde, por engano tinha ido buscar o parente. Abandonou-se, por volta da meia-noite, no chão frio, depois de ter vigiado, com demora, a rua sem viva alma. Tremeu durante a madrugada toda, que o agasalho era só um paletó de algodão.

– *Bamos* lá, ô tição! Sai daí já! – foi o despertador na voz do comerciante.

– Tá me chamando do quê? – e com o olhar fuzilou o outro, que sentiu o petardo. – Se não sabe meu nome, me chama de cidadão, visse? Tá metido a cavalo do cão por quê?

– Certo, cidadão... É que eu preciso trabalhar, entende?...

A vontade foi de partir para cima e quebrar a cara do canalha, mas ponderou. Não conhecia a cidade e caso precisasse fugir nem sabia para onde. Antes de sair, cuspiu no chão e disse com rispidez:

– Abestalhado!

Dinheiro curto, dois pães e pernas para caminhar; evitou ônibus, temendo se repetisse a informação errada como da primeira vez. Perambulou, perguntando acerca do bairro e da rua, até que a terra adormeceu de novo e uma ronda policial levou-o para dormir no xadrez, depois de algumas humilhações como pancadas nas pernas, para que as abrisse, empurrões e perguntas repletas de insinuações, sobretudo por encontrarem um canivete com ele. Na cadeia, tremeu de medo vendo gente apanhar e respondeu a mais perguntas com um gaguejar trotante. Um guarda, no entanto, tranquilizou-o:

– Fica frio, negão. A gente tá vendo que você não tem culpa no cartório. Mas... me explica uma coisa: essa chave aqui? É de maleiro, não é?

– É, sim! Lá em Cabrobó, um parente que já teve aqui disse pra não andar de mala na rua que tem muito assalto. Falou pra guardar na rodoviária. Depois que eu achasse Judásio é que devia buscar. Sabe, esse meu cunhado que disse isso... Roubaram ele quando veio pr'aqui. Tanto que ele nem ficou muito e já foi de volta.

Uma navalha de medo talhou seus pensamentos quando percebeu o olhar inquisidor do policial. Pensou que tudo estava perdido, mas logo foi relaxando, com a distensão do cenho do outro, que lhe abriu um breve e cúmplice sorriso e lhe deu um tapinha nas costas. E, quando levado à presença do delegado, este perguntou em tom agressivo:

– E o crioulo aí? Qual é a bronca?

– É um coió, doutor. O nome é Edinaldo. Tinha um canivete pequeno. Chegou do Nordeste ontem. Não é isso?

– É, sim sinhô... – murmurou ele, contendo o desejo de dizer um palavrão ao delegado. "Não fosse delegado, esse galego ia se ver comigo com esse negócio de me chamar de crioulo", pensou e prosseguiu com seus botões, olhando de soslaio para o policial. "Coió é o fiofó da mãe", mas não disse palavra.

– Tá atrás de um parente lá do Bairro do Limão – acrescentou o fardado.

– E o que tá fazendo aqui no Butantã? Porra!

– Se perdeu, pegou ônibus errado...

Designada uma cadeira a um canto, sentou-se e, até o amanhecer, foi fisgando o sono lambari, sacudido vez ou outra por alguma nova ocorrência que chegava ou gritos de toda ordem, inclusive de dor.

Na manhã seguinte, uma carona em uma viatura da Tático Móvel, com dois policiais, deixou-o na porta do parente. Um dos policiais, o mesmo que lhe perguntara sobre a chave, no trajeto revelou ser um conterrâneo seu, partilhou com ele a memória da seca, perguntou sobre as novidades da transposição do Rio São Francisco,

das celebrações da Sexta-Feira da Paixão. Deu-lhe conselhos, realçou que era um devoto de Nossa Senhora da Conceição e, por fim, apertou-lhe a mão ao se despedir.

Edinaldo, sentou-se no meio-fio após ter batido palmas sem sucesso. De uma janela da casa ao lado, uma senhora de cabelos brancos disse:

– Tá procurando Judásio? Ele saiu pra trabalhar.

Ao ouvir dizer que se tratava de um parente, a mulher informou que o portão estava só encostado. Edinaldo, atingido por súbita familiaridade. "Oxe! Parece mãe...", ruminou consigo. Entrou no pequeno quintal de terra sem qualquer planta. A casa de tijolo aparente ficava em uma ruela, quase um beco, com muitas pequenas moradias. A fome incomodava. Comeu o último pedaço de pão. A vizinha, depois de, com poucas perguntas, se informar sobre a história dele, condoída, lhe reforçou o alimento, com mais pão, manteiga e café, que passou por cima do muro, e também uma cadeira. Ele se acomodou agradecido.

Depois, por vários atalhos de sono intranquilo, Edinaldo Fidenso dos Santos foi surpreendido pelo prato de comida e pelo sorriso da vizinha oferecendo-lhe o almoço. Fartou-se e, após reiterados agradecimentos a ela, caminhou pelo bairro para dar o tempo de Judásio chegar. Retornando para completar a espera, sentou-se na mesma cadeira, encostou-se à parede e cochilou novamente, tendo

sonhos atribulados. A ausência do sol anunciou as primeiras estrelas de junho e uma brisa manipulou calafrios. Às dezoito horas foi despertado pelo irmão que, surpreso, estranhou o olhar lançado por Edinaldo em sua direção ao acordar, um olhar de susto e, ao mesmo tempo, de ameaça. Mas ambos acabaram sorrindo. Abraçaram-se. Judásio, antes de abrir a porta da casa, perguntou:

– E a mala, Naldo!

– Na rodoviária. Zézo falou pra eu fazer é assim: não ficar por aí procurando sua casa com mala na mão. Disse que aqui tem ladrão em qualquer canto...

Judásio, lembrando que havia revelado seu endereço ao cunhado, sorriu condescendente, convidou o irmão para entrar, contou-lhe as novidades e, ao perguntar pelos parentes de Cabrobó, recebeu dele algumas poucas e ralas referências e, de novo, aquele olhar, já sem aparentar susto, mas um tanto enigmático e ameaçador, o que o anfitrião atribuiu ao impacto da grande cidade, mas, em seu íntimo, amarrou bem forte um monstro de culpa que ameaçava se erguer. Aliviou-se com a pergunta de Edinaldo:

– Dá pra tomá um banho? Tô todo peguento.

– Deixa pra depois, cabra. Tira só a catinga do sovaco e mete desodorante. Tem um bom lá no banheiro. Pode usar.

Depois de alguns minutos, o irmão se lavando no banheiro, Judásio apressou:

– Bora buscar sua mala, Naldo! Vamo aproveitar que tem ônibus ali no ponto.

– Tem ponto aqui, é? – questionou o outro, saindo do banheiro.

– Ué, você veio de quê? De táxi, foi? Ou pegou uber? – mangou Judásio, exibindo o celular. O outro abaixou os olhos, pensativo, e disse:

– Depois eu conto.

– Então, vambora! Pega aquela blusa ali que o frio tá danado. Muita fome? – e antes que o irmão respondesse, Judásio emendou: – Vamo pegar o pê-efe lá perto da rodoviária que aqui, agora, só fazendo. E se eu for cozinhar vai ficar muito tarde.

Depois de duas horas, já satisfeitos com o jantar e Edinaldo de posse da mala, pediram café. Seu irmão falava, falava, falava de São Paulo, como se o outro, apesar do silêncio e o olhar desviado do seu, lhe fizesse seguidas perguntas sobre a cidade. Até que se cansou de se exibir. Tentou encarar Edinaldo e, mesmo sem encontrar correspondência no olhar, com tremor na voz, balbuciou:

– E pai? Como é que tá pai?

A resposta veio seca e dura:

– Mandou dizer que não educou filho pra ser ladrão, muito menos pra roubar seu próprio pai. Disse também que todo preto tem que tá virado no molho do coentro pra não dá motivo pra nenhum peba falar mal.

O outro emudeceu e abaixou a cabeça, o olhar perdido no chão tentando se livrar da brutal vergonha que tentara domar até então. Edinaldo repetiu:

– Mandou dizer que não educou filho pra ser ladrão, muito menos pra roubar seu próprio pai!

E emendou:

– Morreu de tanto desgosto.

Com um gemido, Judásio passou a soluçar, curvou-se, todo contraído.

Apesar de estarem ocupando uma mesa em um canto discreto do restaurante, pessoas próximas perceberam a tensão entre os dois e olhares se acenderam na direção deles.

Edinaldo, enrijecido por um ódio súbito, só ouvia a voz do pai em um trecho da missão que lhe atribuíra no leito de morte: “Mata

ele! Mata ele!...” E, enquanto o outro se sacudia em prantos, com a cabeça quase entre os joelhos, o irmão sacou o revólver da mala e deu-lhe vários tiros.

Já preso, Edinaldo, depois de ter emudecido ante as perguntas do delegado e ser conduzido a uma cela, ouvindo ameaças, sorri aliviado ao saber o teor da munição. Reflete sobre o quanto não valera de nada o roubo, pelo irmão, de parte do dinheiro da venda da única propriedade da família na Rua Menino Jesus. Tentava também reinterpretar a frase inteira do pai, quando, minutos antes de morrer, lhe entregara o revólver preservado ao longo da vida: “Toma. Tá carregado. Sei que tu não gosta de arma. Mas é preciso. Vai. Mata ele! Mata ele! E depois perdoa, meu filho. Ele é teu irmão. Quando eu encontrar tua mãe, explico tudo a ela. Faz como tô mandando. Só assim vou poder ter descanso.” Em seguida, o genitor, de cara amarrada, digladiara com as dores até dar adeus à vida com os olhos abertos e fixos no vazio.

Enquanto toma o depoimento da vítima que, ainda em estado de choque, só chora, o delegado, tentando entender aquela situação, eleva a voz:

– Para de chorar, rapaz! Só tinha bala de festim no revólver.

Judásio estanca o pranto e emudece. Impaciente, o delegado deixa-o sozinho. Ele, de cabeça baixa, controlando as lágrimas já misturadas com uma tentativa discreta de riso, murmura:

– Perdoa, meu pai!... – e o pranto retorna com novas águas.

Na cela, em meio a lembranças e reflexões, Edinaldo abraça as grades e deixa sair por entre os lábios:

– A benção, meu pai! – e também não consegue reter a inundação dos olhos.

SÃO PAULO
são **p**aulo
são **p**aulo que amanheço fumando
e adormeço tossindo

são **p**aulo
são **p**aulo em que oculto o tempo
no pó dos passos apressados do ponteiro

são **p**aulo
são **p**aulo
que era santo mas que virou santo-diabo

são **p**aulo super
sujo de insensibilidades

são **p**aulo quase sem céu
em que se possa se ver cósmico

são **p**aulo
são **p**aulo pão adormecido
logo cedo para os que chegam
caminhando dificuldades
são **p**aulo de bolso cheio
de dinheiro e de chagas
de necessidades criadas

são **p**aulo esperança
de multidões anônimas
de máscaras sinônimas

são **p**aulo
palco de um teatro
sangrando a todo espetáculo.

BELOHORIZONTANDO
chego em cima da aurora
sacudindo as estrelas do pêlo
às margens metáforas
lançam para fora memórias
de outras tantas viagens
novelas quilombos
novelos

muitas praias me afloram
na ida e na chegada
que em todo lugar tem mar
trazido por ancestrais
deixado pelas estradas

minas de amores nos poros
montanho saudades várias

peço a deus que proteja
nosso arsenal de histórias
contra tantas misérias

a trote sonho navios
relembro sentidos vários
congado de ferro fundido
tutu de sonhos abrigo
chico **r**ei é quem eu sigo

no meio de tantas pedras
e oceanos lacrimais

então galopo em meu sangue
a noite parida em raio
lasca de diamante
da negra **m**inas **g**erais.

UM CENÁRIO DE SÃO PAULO
a revolta de teus rios
sob o asfalto
sussurra enchentes
ao sol gangrenas industriais
e um desespero
pela invencível saudade dos peixes

a pressa em tuas artérias
como as gorduras
gera infartos

és muito mais que o possível pensado
pensar-te é difícil em toda parte

és várias
nenhuma capaz
de entregar-se

velhas pompas cafeeiras ainda ululam nos cemitérios
balões de prosas mortas
e vãs vanguardas europeias

fumaças de venenos pútridos
internacionais
cobrem torrenciais o teu céu

a hipocrisia da pior espécie
dissolve em shoppings a dor das favelas
e argumenta unguentos
para as chagas de periféricas chacinas semanais

sem pop
agora é o hip-hop
na voz dos descontentes
vida *zumbivívida*
afrodescendente
esperançosos parques a florescer os domingos
prometendo em primaveras
dissipar os espinhos

no teu circuito das águas
todos somos marginais
e assaltamos nos faróis a alegria de viver
dopados de consumo
e a dose diária do urbano pavor

com os braços colossais
de envergonhada ternura
ainda acolhes migrantes nos repletos terminais

cheias tuas cadeias ruminam motins
e enquanto te distrais (feiras, teatros, torcida
organizada ou fórmulas um)

explodem os latins
e as reacionárias veias
dessa justiça podre
lenta e flácida em togas de festim

e há bandeirantes loucos
esmeraldas nos olhos injetados de coca
crack e muito mais
com a guerra do marketing
transformando em deserto mesmo as selvas pessoais

aos teus nobres morumbis
corações pagam pedágio
a cada passo em falso pelas mãos de charlatões
ou rebeldes se arrastam
(weekend ou feriado!)
por diversas rodovias
onde está o mar?
onde está o verde?
onde estão as utopias?

imensa e frágil, pobre cidade
no teu seio profundo
em plena valentia
copulam as mais antigas contradições do mundo.

Eliana Alves Cruz é carioca, escritora, roteirista, pesquisadora de conteúdo para audiovisual, jornalista e pós-graduada em comunicação empresarial. Seu romance de estreia, *Água de barrela* (2015), ganhou o Prêmio Oliveira Silveira de 2015, da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura, e foi menção honrosa do Prêmio Thomas Skidmore 2018, do Arquivo Nacional e da universidade americana Brown University. Seu segundo romance, *O crime do cais do Valongo* (2018), publicado pela Editora Malê, foi escolhido como um dos melhores do ano de 2018 pelos críticos do jornal *O Globo* e semifinalista do Prêmio Oceanos 2019, ano em que publicou seu primeiro livro infantil, *A copa frondosa da Árvore*. Já *Nada digo de ti, que em ti não veja* (2020) é seu terceiro romance e o primeiro pela Pallas Editora. Participou de 14 antologias de contos e uma de poesias.

RIO DE JANEIRO/RJ
TRECHO DO ROMANCE *NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA*

Alexandre fora recebido com as pompas e circunstâncias devidas a uma personalidade do seu quilate pelas autoridades seculares, religiosas e por delegações de jesuítas, carmelitas, franciscanos e beneditinos, todos com seus pretos, que levaram em cadeirinhas e burros de carga o ilustre convidado, seus anfitriões e suas bagagens para os aposentos do convento de Santo Antônio, no alto do Largo da Carioca. Uma ermida defronte de uma lagoa, ao lado da rua do Egito, onde o convento erguia-se dominando a paisagem.

A ideia era hospedá-lo no Carmo, mas os aposentos estavam em reformas e, como o frei desejava um local afastado dos "agitos da cidade", o monte de Santo Antônio pareceu o mais adequado. Os escritórios do Santo Ofício na cidade funcionavam na Rua Licenciado Antônio Carneiro, em casas da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Freguesia da Candelária, mas ao menos no início o frei avisou que desejava trabalhar recluso no convento. Não queria ninguém perscrutando seus planos.

Afastando a fina cortina do transporte, Saldanha Sardinha foi olhando a primeira urbe que finalmente conhecia neste lado da Terra. Sim, desde que a embarcação avistou o continente notara que os viajantes ao longo de dois séculos não haviam exagerado em seus relatos. Era uma belíssima paisagem natural, de uma exuberância como jamais havia visto. Que plantas e pássaros eram aqueles tão

coloridos? E o verde límpido do mar em contraste com as montanhas majestosas? Estava vivamente impressionado. Embora soubesse também por relatos, Frei Alexandre observava admirado: "Como é preta a gente desta cidade!"

Olhava espantado e tapava o nariz, pois São Sebastião do Rio de Janeiro podia ser considerada a cidade mais suja que jamais vira. Os dejetos atirados às ruas e nas praias traziam de volta a imundície de um lugar que superlotou sem qualquer ordem. Alguns sobrados pomposos sobressaíam entre muitas casas feias, porcos e outros animais domésticos comiam o lixo a se amontoar por todos os cantos das ruas. "Um cenário caótico" – pensou – "em meio a um paraíso pintado por Deus". O frei viu, curioso, que em muitas esquinas havia oratórios, o que demonstrava ao menos uma vontade genuína de devoção. Identificou um louvor a Nossa Senhora da Abadia na esquina da Rua da Quitanda com a Rua do Rosário.

As fachadas das casas eram todas ocultas por telas que permitiam às senhoras e suas escravas verem o que se passava fora sem que os de fora pudessem identificar o que ocorria dentro. Senhoras de bem não se expunham com frequência. Expostas nas ruas estavam todas as outras mulheres que não eram as "do lar". Uma rapariga retinta que não devia ter mais do que 13 anos sorriu com belos dentes alvos oferecendo algumas frutas aos transeuntes; um idoso tirou com humildade o chapéu: os vincos de sua face escura tinham uma beleza de mapa; outro homem, vestindo apenas uma calça feita de sacos de juta e carregando fardos, mirava com certo desdém. Um

desprezo exposto no olhar e na postura segura de quem se sabia possuidor de um corpo que era secretamente invejado e, por isso mesmo, constantemente maltratado.

O calor se assemelhava ao da boca de um vulcão e, não fosse a cortina do transporte, os mosquitos e outros insetos, atraídos pela temperatura somada aos restos de comida a céu aberto, fariam a festa em sua pele desacostumada aos trópicos. Viu dois moleques banhando-se em um chafariz, reluzidos pela água e pelo sol que os dourava. Os panos que levavam atados nas cinturas, mal lhes cobriam "as vergonhas" e, molhados, deixavam os jovens praticamente nus. Procurou não deter as pupilas nos seios quase à mostra sob a bata de tecido ordinário da mulher que levava um balaio enorme na cabeça, em equilíbrio e malabarismo impressionantes.

Eram muito belos, admitia intimamente, mas jamais diria tal coisa francamente. Sim, em Lisboa via figuras semelhantes, mas o clima não permitia estas vestimentas. Olhava as pernas, torsos, traseiros... Lera todos os relatos que, segundo o corrente na metrópole, faziam desta parte do planeta um desafio à civilização e às práticas santas. Observando atentamente os cenários pelo caminho refletia: "Não há como não ser a terra do pecado". Benzeu-se três vezes sem muita convicção.

TRECHO DO ROMANCE *O CRIME DO CAIS DO VALONGO*

Falei curvando-me, amarrando o lenço com pressa na cabeça e ganhando a rua para chegar com ligeireza à Rua do Passeio, no local da Imprensa Régia, onde todas as quartas-feiras desde o ano anterior, quando o jornal começou a circular, meu amo enviava por mim anúncios de seus negócios próprios ou daqueles em que era meeiro, para que saíssem na *Gazeta do Rio de Janeiro* do sábado seguinte. Eu buscava o exemplar daquela quarta com os anúncios postos no sábado e pegava o de sábado com os avisos postos na quarta. Religiosamente.

As primeiras vezes que lá estive foi com meu senhor, mas depois, de tanto me ver perambulando na loja da *Gazeta*, o criado Justino já me conhecia e recebia os papéis dos avisos mesmo que eu estivesse sozinha. Ele me sorria e estendia a mão. Eu entendia tudo o que estava escrito, mas o Justino nem desconfiava e era melhor que continuasse assim.

A *Gazeta* ficava no Passeio Público, no térreo da grande residência do ilustre Conde da Barca. Era um estirão a pé, pois a hospedaria do senhor Bernardo ficava na entrada da Rua do Valongo, à direita, no número 38, ao lado de uma loja de fazendas secas. No outro lado da rua, no número 23, havia um enorme armazém para leilões onde cabiam trezentos, quatrocentos pretos. Os reis vieram de Portugal no ano anterior e a cidade parecia explodir de tanta gente. Tudo fervilhava! Tudo era movimento! Saía da freguesia de Santa Rita e passava defronte a esta igreja de mesmo nome. No chafariz, muita

gente se amontoava para pegar água. Quando voltava, se o dia estivesse ensolarado, as crianças se divertiam nele.

O Valongo não era nada bem-visto. Ficava um tanto fora da cidade, que tinha uma costa com muitas enseadas e ilhotas repletas de trapiches e escritórios. A enorme Pedra do Sal nos separava do resto. Para chegar ao outro lado, eu tinha que dar uma volta enorme pelo morro da Conceição. Quase toda a casa aqui era também um depósito de gente... gente para venda. As pessoas de bem fugiam deste lugar, mas para muitas eram esses negócios "sujos" que fingiam não ver que pagavam seu rapé, finos tecidos, aulas de música, livros raros e carruagens. O Cemitério dos Pretos Novos foi transferido da Santa Rita para um ponto bem mais acima da rua da hospedaria Vale Longo. Em alguns momentos tínhamos que fechar as janelas, pois o cheiro ficava opressivo. Eu só passava ali perto se não tivesse outro jeito e nunca olhava para o lado. Um religioso ficava defronte, rezando em um livro pequeno pelos que se foram. Ele sempre me chamava.

— Ei, Moça! Venha orar pelos seus! — Ele me gritava.

O muro de tijolos era baixo e eu via os dois únicos negros que se encarregavam de enterrar. Eu preferiria o açoite a este serviço! No fundo do retângulo que era a terra do cemitério, uma cerca de esteiras o separava de outra propriedade. Punha-me a pensar: "O terreno não é grande e vejo que os armazéns estão cada vez mais abarrotados. A chegada de novos tumbeiros aumenta a cada dia.

Por enquanto o Valongo não é tão povoado, a maioria das casas é de comércio e não estão coladas ao local, mas um dia estarão em cima das covas rasas".

[...]

Eu estava muito feliz naquela manhã. Na verdade, radiante! Tereza apareceu no beco com suas laranjas e ofereceu-me uma. Sei o que significa para ela desfazer-se de uma fruta de seu balaio. Agradeci imenso. É uma pataca a menos nas economias de sua alforria. Isso equivalia a uma prova de amor eterno. Eu olhava para ela um tanto aflito. Quando seria que veria em alguma daquelas pretendentes que o Manoel Mandillo não cansava de me apresentar, uma que acendesse em mim o que esta mulher me acendia?

Saí de minha residência que mesmo não inaugurada eu já chamava de Mazomba, no beco encravado na Rua Detrás do Hospício, desci a rua da Valla e lá quase trombei com o aguadeiro Leôncio, apressado para a reunião da Irmandade na igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos, que se impunha na paisagem desta rua. Fui dar na Rua da Alfândega atrás de uma garrafa do melhor vinho para recepcionar meu novo amigo, o Intendente. Ele era um importante e esnobe fidalgo e eu, um pobre mazombo amulatado. No entanto, todos os esnobes precisam de um descanso de si mesmos e este encontrou em mim um alívio da pose que precisava manter.

Minha vida florescia; afinal, estava praticamente livre da dívida, do cobrador, repentinamente um pouco menos pobre e amigo de um dos homens mais poderosos do reino. Ele apenas não podia desconfiar de que eu tinha reais motivos para matar aquele pançudo comerciante seu primo. Não o fiz, mas agradeço sinceramente ao bondoso diabo que fez o serviço.

O outrora tão autoritário senhor Bernardo Lourenço Vianna, que subiu à custa dos parentescos e artimanhas, agora nada mais era do que um pedaço de carne apodrecida. Aproximei-me mais do intendente quando este veio a minha casa para investigar, afinal, ela era em frente ao local onde encontraram o corpo — e ofereci-lhe um copo do meu melhor vinho. O álcool apressa as amizades e nós falamos sobre o crime, pois éramos companheiros desde miúdos a partir daquele momento. As amizades desde putos são eternas. Não sei o motivo por que me interessei tanto por aquela história, mas ela me instigou os instintos desde o primeiro momento. Hoje, lendo o que a escrava Muana deixou, vejo que estava certo e não me arrependo de ter insistido para assistir aos depoimentos.

Os três estavam calmos quando foram conduzidos à Intendência Geral, lá para as bandas do Largo do Rocio Pequeno, um pouco mais além do Campo de Sant'Ana indo na direção da Quinta. Não se alteraram nem mesmo ante a visão do antigo senhor naquele estado deplorável. Eram expressões neutras, que não falavam nem de dor e nem de risos. Falavam de um vazio que incomodou ao Intendente-Geral, que observava atentamente cada reação de Muana, Roza

e Marianno. Paulo Fernandes não conseguia atinar com o que se passava.

Era certo que a corte e o país estavam convulsionados naqueles tempos, tantos eram os rumores e conspirações que clamavam por independência, mas o ódio popular não criaria forma tão original para abandonar um corpo. Havia uma mensagem ali.

— Malfeitores, senhor... a cidade está cheia deles. Muita gente forasteira — respondeu Muana quando perguntada se imaginava o que poderia ter acontecido.

— Inimigos? Sei não, sinhô... — Marianno não podia dizer ao Intendente que qualquer pessoa que se aproximasse do comerciante cedo ou tarde seria seu inimigo.

— Desde meninazinha, desde pequena, senhor... — Informou Roza quando Paulo Fernandes quis saber desde quando estava na posse do senhor Bernardo.

Os três já estavam de saída, quando o Intentedente-Geral retirou de uma caixa um enorme pano feito de retalhos e com ele nas mãos perguntou:

— Marianno Benguella..., vosmicê sabe costurar, não sabe?

— Com muito esmero, meu senhor — Respondeu Marianno, com sua voz doce, calma e segura.

Em minhas farras pela cidade eu bem conhecia aquele negro. Eu bem o conhecia... Não podia andar nas ruas sem que alguém gritasse: Chibando!

VILA RICA (OURO PRETO)
TRECHO DO ROMANCE *NADA DIGO DE TI, QUE EM TI NÃO VEJA*

Era o fim da tarde quando Zé Savalú, frei Alexandre, Felipe e a comitiva avistaram o Farol dos Bandeirantes, uma pedra imponente na paisagem que os indígenas chamavam de Itacolomi. Todos deram vivas e jogaram chapéus para o alto, pois aquela era a referência avisando de que estavam muito próximos de Vila Rica. Caminharam mais um dia, descansaram e no final do dia seguinte entravam na cidade. Savalú e o frei foram direto para uma casa paroquial. Felipe foi para a residência do irmão, Balthazar, que já o aguardava para qualquer momento. Muitos tropeiros haviam se dispersado em outras cidades mineiras. Os que foram com eles até ali se espalharam pelas ruas pedregosas, entre os casarios imponentes e os lampiões acesos com óleo de baleia sempre próximos das igrejas e assim como no Rio de Janeiro, que davam um aspecto lúgubre à cidade.

O maciço de montanhas que isolavam a região só se podia ver por uma imensa massa escura. Apesar da pouca visão, era possível notar que Vila Rica era muito bonita e que estava em pleno crescimento. Foi apenas quando o dia raiou que Savalú pôde enxergar o que realmente era o local, pois, depois que recebeu o mingau na cozinha, foi chamado por Alexandre para segui-lo numa excursão pela cidade, após a missa matutina e o farto desjejum oferecido em sua homenagem por padres da região.

O vigário chamado Vicente Luiz, Felipe e o frei iam numa charrete e ele se equilibrando no banquinho traseiro, junto às rodas que trepidavam pelo calçamento de pedras irregulares, quase o jogando para fora. Rodaram pelas ruas e viram um povoamento rico como não era nenhum outro na colônia. Há 12 anos fora criada a Capitania de Minas Gerais e Vila Rica era a sua próspera capital. Muita gente circulando, lojas abertas, sinos repicando.

A charrete parou em frente a um casario imponente. Deixaram-no do lado de fora. A primeira pessoa que Savalú avistou foi um homem de estatura muito baixa, que mancava de uma maneira estranha e até certo ponto cômica. Chamou-o e ele não respondeu. Lembrou-se do que lhe contara Gabriel Boi, sobre como muitos negros ficavam surdos. Sentiu-se diferente e chamando a atenção. Foi quando uma mulher velha e andrajosa se aproximou dele puxando um assunto.

– Mais um forasteiro... És liberto? Não queres responder... Estás fugido e veio em busca do ouro? – Ela sorriu baixo e tristemente. – Sei que deves ter viajado léguas montanha acima e montanha abaixo, mas se puderes, volte por onde veio.

SALVADOR/BA
TRECHO DO ROMANCE *ÁGUA DE BARRELA*

Vinte distritos de paz ou freguesias dividiam Salvador. Alertada por Firmino e pelo pessoal de mãe Aninha, Martha decidiu ficar mesmo na freguesia da Penha, na região da Praia da Ribeira e da Igreja do Bonfim, menos visada pelos capoeiras. No entanto, ela não escapou de ter histórias para contar. A casa de mãe Aninha ficava na freguesia do Paço, na Baixa do Sapateiro – a terceira região mais quente das confusões com os capoeiras, ao lado das freguesias do Pilar e da Sé. Na verdade esses três lugares – Baixa do Sapateiro, Pilar e Sé – eram todos muito próximos. Uma janela da casa de Juliana dava para o Largo de São Miguel, onde viram pelas frestas a morte provocada por João Gulodice.

Certa vez, iam Martha e Tutu subindo a ladeira do Tabuão, vindas do Cais Dourado. Tinham acabado de comprar alguns itens no cais para o preparo dos doces e outros artigos que vendiam. Ali existia o Mercado do Ouro, onde costumavam comprar farinha de mandioca e açúcar em quantidade. A ladeira ligava o cais à Baixa do Sapateiro, onde ficava o sobrado de sinhavia Juliana, e era apinhada de lojas, ambulantes, restaurantes e botecos. As duas levavam suas sacolas e os tabuleiros na cabeça já apressadas, pois se atrasaram e a tarde ia caindo rapidamente. Não gostavam de circular àquela hora, pois sabiam que podiam encontrar problemas no caminho. E dessa vez realmente encontraram. Quando passavam na frente do famoso Botequim da Doroteia, uma mulher saiu e se pôs na frente

das duas, com as mãos nos quadris e um ar arrogante. Era bonita. Usava uma ponta da saia longa presa na cintura, deixando uma das coxas grossas à mostra, e a bata fina mal lhe cobria os seios firmes.

– Qual quitute ocês levam aí nesses tabuleiro? Tô cum desejo danado de um doce bom e acho milhó que tenha alguma coisinha boa aí.

As duas vendedoras se entreolharam, e Tutu fez um sinal para que Martha se acalmasse. Arriaram as coisas no chão e abriram o tabuleiro. Tutu abriu seu sorriso alvíssimo no rosto muito negro.

– Mas é claro, minha linda! Tem umas cocada aqui que é impossível num agradá. Vosmicê sabe, já tá tarde e muita coisa se acabô, mas se permite, te regalo essas cocada e amanhã te trago o milhó mingau de milho que já provô em sua vida.

E entabulou uma conversa tão simpática que desarmou a mulher. Estavam nesse pé de oferecer provas de cocadas, quando João Gulodice saído do bar agarrou a mulher pela cintura, tascou-lhe um beijo na boca e entrou na prova dos doces. Martha sentiu as forças das pernas faltarem, e Tutu percebeu. Quando se abaixaram para procurar mais coisas nos balaios enquanto os dois se lambuzavam de açúcar e beijos, Capitulina cochichou para a amiga.

– Ô larga de sê froxa, mulé!

– Froxa? Eu vi esse homi matar outro com uma cabeçada! Tô apavorada sim!

Parecem ter sentido o cheiro de medo e confusão, pois um destacamento vinha subindo a ladeira e parou ali mesmo. Martha e Tutu no meio entre Gulodice, sua amante e a polícia. Nada podia ser mais apavorante, e Martha pensou que ia desmaiar. Rapidamente, com sua habilidade, Tutu começou a recolher as coisas, conversando com a mulher do capoeira, de quem àquela altura já conquistaram a simpatia.

– Entonces amanhã lhe trago o mingau mais delicioso, amiga.

Chegaram para o canto da rua e apressaram o passo na subida, mas ficaram presas dentro do bar, porque na rua o confronto começou forte. A amante de João chamava-se Josefa e chamou as duas para trás do balcão. Os valentões que acompanhavam o Gulodice puxaram suas navalhas e saíram em auxílio. O sangue rolou no calçamento de pedras da ladeira. Em pouco tempo, os três capoeiras derrubaram e feriram cinco policiais, e os outros três que sobraram bateram em retirada. A valentia era grande, mas ninguém ali era trouxa. Malandros que eram, João e os outros escaparam rápidos pelo fundo do botequim.

RECÔNCAVO/BA
TRECHO DO ROMANCE *ÁGUA DE BARRELA*

Na cidade, as autoridades engalanadas já começavam a desanimar, pois a maré baixara muito e era provável que as embarcações não conseguissem aportar, mas às seis e meia da tarde o navio Pirajá atracava em Cachoeira e subiram a bordo o juiz de direito Cerqueira Pinto, o juiz municipal e delegado Trasíbulo da Rocha Passos e o promotor Pascoal Pereira de Matos. Os foguetes estouraram e todos explodiram na praça em aplausos, vivas e saudações. O imperador foi levado para um pavilhão iluminado de forma impressionante, cuidadosamente arrumado, e isto não escapou às suas observações de memórias. Meninas colegiais recitaram poesias, senhores fizeram discursos e por aí caminhava a extensa e enfadonha cerimônia para a garota, que tudo o que queria era saber se aquele homem grande, na frente do qual todo mundo se curvava, iria apreciar a sua cocada especial. Queria ver o sorriso embaixo da espessa barba, que ainda não era branca como a de muitos os que se inclinavam diante dele. Estaria feliz se os bigodes se levantassem como se levantaram os do coronel.

[...]

Do lado de fora, todos trocavam animadas impressões sobre aquela incomum agitação na cidade. Ao saírem da igreja, foram para a casa que lhes serviu de paço imperial, sendo saudados com animados vivas pela multidão. Anolina saiu correndo bem antes do fim das

cerimônias e já estava a postos na cozinha. No salão, o beija-mão do imperador e da imperatriz reunia a nata da sociedade cachoeirana até que, finalmente, o momento pelo qual a garota aguardava ansiosamente. A cocada foi um sucesso entre os nobres, mas o imperador comeu rapidamente foi um doce de goiabas, e dona Carolina foi bastante elogiada.

– É uma antiga receita de família – gabou-se ela entre as damas da corte.

A imperatriz, dona Tereza Cristina, retirou algumas moedas da quantia que levaram para dar em esmolas e doações para as igrejas do lugar, e assim deu "um agrado" aos da cozinha, que foi levado por um dos assessores da comitiva. E assim Anolina começou uma poupança que garantiria o recomeço de vida para sua filha e neta após a sua morte.

Entre as conversas, o imperador fez elogios ao calçamento, que era todo como o do Rio de Janeiro antigo, e o coronel Tosta deu conta de números do orçamento e dados da cidade. Disse ele a Dom Pedro que Cachoeira somada a São Félix tinha "uma população de 20 mil almas".

No dia seguinte, a comitiva seguiu para Feira de Santana, e o coronel Francisco o acompanhou, bem como o Egas Moniz Aragão e uma comitiva de muitos homens montados que cercaram o cavalo do imperador e o carro da imperatriz, que era puxado por sete

animais entre os mais belos do lugar. Assim como em Cachoeira, as recepções pelo caminho foram igualmente grandiosas. Na viagem, os senhores e Dom Pedro tiveram a oportunidade de conversar sobre muitas coisas e o monarca se assustou com o fato de ainda não usarem o arado na agricultura, apenas deixando o terreno descansar entre uma cultura e outra.

Pela cabeça do imperador, tão amante das modernidades, poderia estar passando que tudo estava alicerçado no braço dos negros, nada na luz da ciência. Durante toda aquela viagem ao nordeste brasileiro, ele ouviu e debateu sobre agricultura. Crivou os senhores de perguntas e pelo que parecia não se deu por satisfeito com as respostas, pois decidiu criar algumas instituições para modernizar o setor, que estava em claro declínio na área. Ainda em novembro de 1859, foi criado o Imperial Instituto Bahiano de Agricultura, do qual os Tosta, os Moniz Aragão e outros integrantes da elite do Recôncavo foram membros desde a primeira hora.

Fernando Bonassi nasceu em 1962, em São Paulo. É roteirista, dramaturgo e escritor, autor dos romances *Subúrbio* (Ed. Objetiva) e *Luxúria* (Record), e dos livros de contos *Passaporte* (SESI-SP Editora) e *SP Brasil* (Ed. Dimensão, finalista do Jabuti 2003), entre outras obras. No cinema, destacam-se os roteiros de *Estação Carandiru* (dirigido por Hector Babenco) e *Cazuza – O Tempo Não Para* (dirigido por Sandra Werneck e Walter Carvalho). No teatro, as montagens de *Apocalipse 1,11* (com o Teatro da Vertigem) e *Arena Conta Danton* (para a direção de Cibele Forjaz). Vencedor da bolsa de artes do DAAD (Serviço Alemão de Intercâmbio), com a qual viveu e escreveu em Berlim, em 1998. Recentemente, desenvolveu, em parceria com Marçal Aquino, os seriados *Força-Tarefa, O Caçador, Supermax* e *Carcereiros*, para a Rede Globo de Televisão.

Nota do autor:
Afora o primeiro texto, “Centro Nervoso”, que integrou um espetáculo teatral homônimo que eu também dirigi e que estreou em março de 2006 no SESC Consolação, aqui em São Paulo, os demais textos, alguns deles publicados na *Revista Ocas*, são materiais de trabalho, contos e pedaços de romances em processo, nunca publicados em conjunto, nem nesta versão final, com este caráter de “notas ficcionais”, o que fui juntando na minha gaveta literária em torno do seu tema [refere-se ao tema do presente número da *Em Tese*: “A(s) cidade(s) na literatura brasileira”]. Incluí também alguns velhos textos que escrevi para a *Folha de S. Paulo*, que falam do que somos e do que fizemos de nós mesmos...
Nota do organizador:
Eis os títulos dos textos originalmente publicados na *Folha de S. Paulo*: “Roleta Brasileira” (19/11/2002), “Muita atenção com esses caras!” (12/08/2003) e “Breves considerações a respeito dessas épocas” (10/02/2004). Ademais, no arquivo que nos enviou, Fernando Bonassi sublinhou que “Verbos de Ação” é inédito.

Poéticas

CENTRO NERVOSO

É o cruzamento movimentado de um centro nervoso, onde os que param de repente se esbarram nos que passam apressados. É um sinal que fecha, um carro que avança, alguém que xinga, que dá um chute ou um tapa nas marchas e contramarchas pra conter ou descontar a agitação dos problemas.

Um deles é homem; pelos trajes que veste. Não tão à moda, que possa aparecer demais e nem por fora dela, a ponto de desaparecer entre os coitados que vão e vem como operários desse vespeiro. Muitos queriam estar nos lugares das rainhas, mas não tiveram sorte, jeito ou tiveram todo o azar de nascer num cômodo acomodado pela ignorância dos ancestrais. Fazem da paciência uma ciência da esperança que não chega lá, já que lá nem todos chegam.

O tal homem não é gordo, ainda que não possa ser chamado de magro. Também não é alto que não possa rastejar por baixo de uma ocasião ou outra. É honesto de acordo com as instâncias em que atua. Não é ator. Não que seja verdadeiro por ser o que é. Um homem mente em qualquer profissão. O fato que não se conhece e não aparece testemunha pra reconhecer é que ele pode simplesmente ter se abaixado por um trocado, uma jóia perdida, um recado anotado; pode ter desfalecido, desmaiado ou mesmo que estivesse descansando do cansaço que se abate sobre os porcos e palhaços desse picadeiro. O homem estava abaixado por uma dessas razões malucas e quando tomou impulso para se erguer, alguém esbarrou no seu rosto, devolvendo-lhe ao chão. Agora o homem caiu sentado.

Está mais ridículo do que preocupado. Não devia ser assim. Porque quando planta as mãos para auxiliar os pés, dois ou três dos transeuntes pisam feio, esmagando-lhe os ossos no asfalto. O homem grita. Não é contra ninguém, ainda. Leva os braços à boca. O farol continua fechado e ele respira aliviado. Tenta outra vez. Projeta-se para frente como quem está crente que vai se levantar. Mas tropeça; se põe a tropeçar e tropeça três ou quatro vezes até que um joelho obscuro surge do nada e acerta-lhe em cheio pelo meio da cara assustada com tantas coincidências violentas. Ele cai. Mais uma vez é sentado sobre o rabo. Aquilo que foi posto entre as pernas não ajuda em nada nesse suplício. Ele gira sobre as costas, junta mais uma vez as forças, que são cada vez mais fracas. Acocora-se como um caipira que mastiga a paisagem num graveto e num ímpeto lança-se para cima. É um instante. Logo está sendo posto abaixo pelo ventre de uma gestante que se dirige para o trabalho. Ele tem vergonha de reclamar com esta mulher. É com todas as outras, pois cinco ou seis delas lhe acertam a nuca com bolsadas. Ele pede perdão. É um ato falho. Pode ser que seja teimoso ou pense que é ousado por cair esparramado naquele engarrafamento de gente que segue em sua urgência mesquinha e necessária à sobrevivência. São eles que continuam raspando e batendo no homem cujas roupas em frangalhos dariam o que falar aos mendigos indignados. Sua pasta de segredos foi arrancada de seus dedos trêmulos há muito tempo atrás, permanecendo estendida na faixa pintada para os pedestres. Os pedestres continuam andando como corpos celestes ou partículas de átomos atônitos para atingir o lado oposto. É apenas um cruzamento que o homem quer superar, mas hoje é o seu dia. Está levando porradas

por todos os lados do rosto. Seu nariz sangra um jorro adocicado que o danado leva à boca. Os dentes balançam como se conversassem, ou trepassem, uns nos outros. São crocantes nas entrelinhas do homem que então resolve suplicar no seu desengano, solidão, abandono, burrice ou tontura... Ele chora mais que grita; guincha mais que pede, enquanto seu olho incha a ponto de cegá-lo. Muitos ainda poderiam vê-lo. E ele apita como um barco naufragado na apatia que chove no molhado. Ele está suado. Ofendido. Insiste em colocar-se em pé. Apenas para cair de quatro, ser mais uma vez chutado pra debaixo do tapete da pista, ao sabor de uma boca-de-lobo. Do meio de um hematoma de arrepiar o homem ainda lança um olhar embaçado, meio enviesado pelas nuvens dessa tempestade que o cerca. Quando ele percebe que ninguém o percebe, coloca suas últimas forças para agarrar-se com unhas e dentes na sarjeta, mas é tarde.

CADEIA PRODUTIVA

O plano era roubar apenas a carga: objetos de desejo, equipamentos importados, peças e acessórios. Para que pudessem transportar tudo adequadamente, mataram o motorista e levaram o caminhão. Era apenas o começo. Vivia-se um momento histórico de prosperidade. A demanda crescente por produtos e serviços ampliou inesperadamente as dimensões do negócio. E porque fossem insumos difíceis de encontrar, estivessem em falta ou fossem fornecidos em quantidade insuficiente para custar mais, roubaram todo um complexo sistema de logística, com rádios-comunicadores conectados à frequência da polícia, satélites direcionados para a malha

rodoviária, funcionários subornados em alfândegas, pedágios e planilhas eletrônicas instaladas em rede. Vivia-se um momento histórico de prosperidade. A atividade econômica estava no pico e todos se viciavam no crescimento. Muitos motoristas foram assassinados e mais carga levada para os depósitos clandestinos da quadrilha. Com o aumento das mortes, da frota e do número de comparsas, os criminosos na chefia da operação convocaram um *pool* de advogados e administradores pós-graduados, para criar e implementar um plano de gestão e de carreiras, tudo visando ao seu desenvolvimento futuro. Enquanto houvesse insatisfação e caminhões de carga, haveriam de prosperar neste mercado. E assim foi. Era um momento histórico para tanto e, já que tinham matado muitos e roubado boa parte da cadeia produtiva, roubaram também alguns pontos de venda, para expor os seus estoques e conquistar novos consumidores nas classes emergentes. Em pouco tempo inscreveram-se na junta comercial do Estado, constituíram firma nos cartórios e tinham totalmente legalizada sua situação contábil: contraíam empréstimos bancários a juros subsidiados, pagavam impostos em dia e contratavam segurança privada, para se proteger dos achaques comuns aos empreendedores nacionais.

DEGENERAÇÃO

A prostituição de motoristas, babás e faxineiras, dentro e fora do lar, coloca enormes desafios ao mercado de trabalho doméstico e à célula familiar. De um lado os serviços de transporte, os cuidados infantis e de limpeza em geral diminuíram visivelmente de qualidade (ao mesmo tempo em que sofreram majoração de preços); de

outro, causa grande confusão afetiva a relação de intimidade que muitos pais e mães passaram a manter com os funcionários da casa, tudo pago e de acordo com o contrato-padrão mutuamente aceito nestes casos, mas a pergunta que fica é: em que bases morais, isto é, com que noção de amor, respeito e autoridade estão sendo criados os nossos filhos?

CÃES DE ALUGUEL

A divulgação de todo um submundo voltado ao recrutamento, treinamento, seleção e aluguel de cães de guarda para o serviço de segurança ostensiva em obras de engenharia, armazéns de mercadorias e logradouros públicos, causou indignação entre as autoridades do ministério do trabalho, protestos de sociedades cinófilas e uma nota de repúdio do sindicato dos vigias, na qual se considera a exploração de animais em atividades de risco *prática aviltante e concorrência desleal.*

SEQUESTRO RELÂMPAGO

Alô? Não interessa quem está falando. Não é necessário sermos apresentados. Preste bem atenção, e sem perguntas: o senhor foi sequestrado. Aconteceu há pouco, num momento de agitação que o manteve distraído. É provável que nem tenha percebido o cerco progressivo, o constrangimento que criamos ao seu redor, até cair nele... Mas não se mova até que lhe seja ordenado! Se virar para os lados antes disso, pode ser atingido por algo. Se tentar seguir adiante, de repente, há de ser bloqueado. Os obstáculos que colocamos em seu caminho são elevados, extenuantes e espinhosos. Assim, qualquer

movimento voluntário deverá ser precedido por um gesto... E até que a autorização seja dada, o senhor deverá permanecer paralisado onde está. Quieto! Ouça! O senhor deverá rumar para sua casa, desde logo transformada em seu cativeiro, e ali ficará contido atrás das portas e janelas trancadas por si mesmo. O senhor estará bem preso e sob vigilância dos nossos, lá fora. Não se atreva a testar a impaciência deles, tentando comunicar-se com os seus, aí dentro. Não haverá como fugir de si próprio e nós cuidamos muito bem dos pontos fracos nesses casos. O senhor só vai agir para obter o que for exigido por nós, mediante novas ameaças como essa, às quais, com o tempo, estará acostumado a se sujeitar. Para o que quisermos, ligaremos mais tarde, quando soubermos o que for nosso desejo. Escute bem: não conte nada disso a ninguém, não envolva a polícia no caso, se quiser tornar a ver-se de novo. Agora vá, vá para sua casa e se tranque... Fique lá dentro até mandarmos sair... Vai! Pode ir...

SOBRE ORGANIZAÇÃO E DISCIPLINA

Que o crime organizado tenha financiado candidaturas em todos os níveis da administração pública nacional, obtendo, como é notório, vitórias incontestáveis nas mais importantes casas legislativas, não chegou a espantar os cidadãos eleitores, críticos especializados e comentaristas acadêmicos. Agora, porque os delinquentes representados, assim como os cidadãos de bem, sentem-se cada vez traídos pelos seus parlamentares, as lideranças marginais pensam em formar elas próprias um partido político e lançarem-se candidatos em pleitos majoritários. A ideia, no entanto, não conta com a unanimidade das facções. De forma semelhante ao acontece com

outras categorias profissionais, os conservadores reclamam que a organização e a disciplina partidárias poderão esgotar o romantismo que ainda envolve a sua atividade, enquanto os radicais temem a imposição de alguma espécie de dirigismo para a classe.

FUNDAMENTALISMO

A considerar os boatos dos mais variados tipos de ortodoxos, está havendo um verdadeiro êxodo de volta às origens em todas as religiões disponíveis no momento. Os jovens fiéis, ao contrário do que lhes recomendam os mestres, padres e pastores, voltaram a se interessar pelas catacumbas, becos e encruzilhadas em que surgiram os seus credos; reclamam da falta de energia dos iniciados que estão nesta terra justamente para atrair e instruir os ignorantes e do desleixo com que seus cultos foram e são tratados, segundo eles, friamente depurados da magia que tiveram nos primórdios. Não especulam sobre o seu próprio futuro neste mundo; as miragens dos seus infernos estão cada vez mais atraentes, inspirando grande interesse dentre aqueles que têm pouco a perder. Seus mártires se tornaram ainda mais violentos e vingativos com as ordens dos senhores, e, assim, os meninos constrangem os mais velhos, cobrando-lhes posições que não tiveram, promessas que não cumpriram, gestos que não fizeram e essa moral que, conforme os seus porta-vozes, impingem e divulgam sem praticar no dia a dia. Também não se conformam com o fato de os mais velhos fazerem exatamente como os pais deles fizeram, e apenas para chegar a um resultado um tanto pior, já que perderam até mesmo a decência das ideias simples que tinham os avós. É mais do que conflito de gerações.

Não aceitam o que fizemos de nós mesmos e só têm certeza de que precisam ser diferentes do que somos. Estão apaixonados por este escândalo. Dormimos com um olho aberto e a mão no pescoço. São nossos filhos, mas estão com nojo.

EDUCAÇÃO SENTIMENTAL

A prática de calar a boca das crianças com adesivos industriais provocou um aumento substancial no número de atendimentos a queimados químicos nos hospitais infantis da prefeitura, cujos cirurgiões plásticos reclamam da falta de leitos, equipamentos e medicamentos para tantos casos e aproveitam para informar que a ação corrosiva do produto pode causar danos irreversíveis à expressão facial e ao índice de aproveitamento escolar de nossos filhos.

Em caso de dúvida, use água morna e creme hidratante para acelerar o processo de expulsão da pele.

ATENÇÃO: Não tente remover o material aderido com alicate, faca ou lixadeira.

ESTADO DE DIREITOS

O direito de passar ao largo, o de ficar na frente e o de sair primeiro. O direito assegurado de se manter calado para sempre e o de ser tratado com maior respeito entre os seus pares. O direito de cada lado a contar sua verdadeira versão da história. O direito irresistível e irreconciliável de se ocupar um só lugar no espaço ao mesmo tempo. O direito que não se dá por vencido diante dos fatos. O direito

divino, a capitania hereditária e o direito adquirido por contrato, no mercado público do direito privado. O direito democrático de se tornar mesquinho pelo exercício pleno do direito público. O direito à abstinência diante de todas as circunstâncias. O direito de errar, acima de tudo. O direito ao que é certo pelas linhas tortas. Aquilo que está escrito no livro dos direitos. A tolerância criminosa do direito.

BRASIL – REVOLUÇÃO PERMANENTE

Em memória do esquecimento seletivo promovido em sistema de rodízio pelas autoridades sanitárias da cultura, serão implodidos alguns sítios arqueológicos, documentos antigos e determinados monumentos nestes sábado e domingo (à tarde), disponibilizando espaço/tempo para o advento de uma nova história, segunda-feira.

AUDIÇÃO

É menos que um som. Um zumbido, se tanto. Uma vibração que fica ao fundo, permanentemente. Como um circuito ligado em curto; um alarme disparado em sobreaviso, mandando um recado cifrado que ele não entende. Uma interferência contínua, localizada atrás da cabeça, dentro das orelhas... Esse bulício... Não adianta tentar. Só ele é capaz de ouvir. E já deu ouvidos ao estardalhaço de todos os especialistas médicos que se fizeram necessários. Foram muitos. Indicavam exames e uns aos outros como a si mesmos, mas nenhum foi competente para extirpar, curar ou explicar esse fragor que não chega a formar um barulho coerente. Não é ensurdecedor como um motor a jato que passa baixo pelo bairro, nem agudo como a taça tangida por um garfo na mesa da cozinha. É um sussurro. Um

balido. Não é, portanto, insuportável; mas está sempre ali, com ele, irredutível. Um murmúrio acuado... Mas não se preocupem com isso. Não há de ser nada. É um zumbido, se tanto. Apenas um ruído.

CIDADE ENTERRADA

Havia uma cidade inteira enterrada sob a nossa cidade. A cidade velha, como vem sendo chamada, foi desenterrada por máquinas e funcionários do governo. Encontra-se em bom estado de conservação, devido às camadas de sedimentos que a envolveram ao longo do tempo. E realmente impressiona a semelhança que ela, a cidade velha, tem com a nossa: desde o seu traçado urbano, com avenidas radiais e círculos concêntricos, até a arquitetura de suas fábricas, monumentos e praças. Pelo que se apura no sítio arqueológico, era cercada por um conjunto de fortificações labirínticas, com muralhas mais altas e portões mais grossos do que esses que temos agora. Seus altares, proporcionalmente menores, parecem, no entanto, propor cultos mais elaborados do que os conduzidos em nossas igrejas. É visível em algumas de suas residências – espetacularmente bem preservadas – que, embora menos confortáveis do que as nossas, eram muito melhores e adequadas à sua época. Seria, em proporção, uma cidade tão grande quanto a nossa poderia ter sido, mas subitamente acabou. E sobre os arqueólogos e antropólogos que trabalham dia e noite – anotando, catalogando e debatendo em torno do material coletado – é que recai todo o peso de responder às perguntas que fazemos todos, com uma ansiedade e interesse incomuns para um tema de caráter científico: que espécie de força destruiu uma cidade tão sólida? Por que os seus habitantes não conseguiram defender sua

cultura? A que vícios ou tentações sucumbiram? E, finalmente, que chance nós temos de alcançar tal estado de coisas?

NOSSAS PRÓPRIAS SOMBRAS

Desenvolve-se com verba pública, mas sob protocolos de sigilo militar, uma pesquisa que tenta desvendar as supostas qualidades cinestésicas intrínsecas à sombra, sua virtual capacidade de mover objetos e realizar pequenas operações matemáticas. Não se trata de uma abordagem ecumênica da ciência moderna, nem do levantamento de provas e contraprovas quanto ao sobrenatural, senão da procura de uma resposta definitiva para a velha hipótese de existir uma energia da sombra, oculta, incompreendida e inexplorada. Considerando-se que ela é a rigorosa oposição à luz e um traço poderoso da presença imediata da coisa ou pessoa de referência, a ideia é que a sombra possua densidade própria (passível de ser aferida em balanças atômicas) e crie uma zona de baixa pressão em torno de si. Há quem assegure que esta presença/ausência contenha energia neutra e que, estimulada no ponto certo, possa se condensar e interagir com os objetos e fenômenos reais. Acredita-se que a sombra de um gato, por exemplo, beba leite real, e que a humana, desde que bem treinada, realize algumas tarefas repetitivas e com graus de dificuldade mínima, como fechar portas e gavetas de correr, resolver somas e subtrações de um algarismo, girar o botão do gás ou digitar números num teclado, o que é sempre uma esperança para quem tem dificuldades de locomoção, mas também uma preocupação a mais para todos os seres vivos e seus responsáveis. Ampara as justificativas do projeto nos organismos de financiamento a percepção de

que muitos de nossos fenômenos históricos só podem ser explicados a partir do devido reconhecimento de um grande campo das trevas em nosso meio. De acordo com a expectativa dos investidores públicos e privados, a sombra deve adquirir valor comercial em breve.

MAIS TERRORISMO

Os muito bons serão tratados como maus e aos maus dado o poder das armas para destruírem-se. Os excelentes serão considerados excedentes e expulsos com desonras militares. Os mínimos serão estilhaçados pelo máximo, distribuindo a mesma pequena grandeza aos iguais indiferentes. Subtrações serão consideradas traições ao patrimônio da pátria. Quem discordar poderá se manifestar nos formulários infestados de burocracia. Aceitas as desculpas, os documentos e seus autores serão arremetidos aos porões da segurança, onde ficarão em pé, de braços erguidos, contra a parede. Os horizontes do pensamento, cobertos com montanhas de conhecimento, evitarão a tentação e o desconcerto das visões fugidias e miragens lisérgicas. O sexo inseguro será proibido. Como todas as relações são perigosas por princípio, ficam igualmente eliminadas as carícias preliminares e o sexo seguro. Os suspeitos serão detidos e julgados subliminarmente. Os que forem absolvidos serão considerados suspeitos até segunda ordem. A segunda ordem será abolida pela primeira. Os prejuízos serão reciclados e redistribuídos. Os originais serão demitidos. Os lucros serão sabotados. Alguns terão o conforto dos palácios cercados de soldados por todos os lados. Os incorruptíveis transformarão aos outros em corruptos, pregando-lhes nas costas a espada da justiça e a letra da lei. A violência será um

instrumento de cordas eletrificadas, tocado com os punhos cerrados da inveja e a garganta seca do desprezo, seletivamente. Algumas cabeças poderão rolar conforme a música. Tudo o que nasce pequeno, pelado e sozinho deve perecer por inexperiência. Quanto ao que virá, é certo que, se os vírus e bactérias sobreviverem, terminarão por limpar a nossa herança do ventre da terra.

Pode ser que nem a pena de morte seja a pena máxima.

Nenhuma trégua. Nenhum acordo. Nenhum perdão.

Todo poder aos macacos!

ROLETA BRASILEIRA

Senhoras e senhores... de um lado, sessenta e sete quilos, vinte e oito anos, três filhos... o sargento Darci dos S., atirador de elite da Polícia Militar. Do outro, cinquenta e um quilos, vinte e nove anos, dois filhos reconhecidos, Valdir de S, assaltante... no momento, também sequestrador... mantendo a senhora Ísis B. M., oitenta e dois quilos, sessenta e dois anos, mãe de três e avó de quatro, sob mira de arma no interior de uma agência bancária...

Quando Darci era pequeno, o pai lhe disse, apontando a cidade que dava as costas ao cômodo de bloco onde moravam:

– Daqui pra lá você pode ser duas coisas: polícia ou ladrão.

Darci passou um tempo pensando nisso. Depois esqueceu.

O pai de Valdir disse o mesmo pra ele. Era normal. Valdir também já tinha ouvido de outras pessoas. Valdir escolheu mais cedo o que poderia ser.

Dona Ísis estudou até o ginásio em Barra Bonita. Depois foi fazer o curso normal em Marília, que aquela cidade tinha ficado pequena pra isso... e outras coisas mais.

Darci estudou pra torneiro mecânico no SENAI de São Caetano. Depois foi vendo os tornos desaparecerem das fábricas, as fábricas desaparecerem dos terrenos... e percebeu que era melhor ter uma outra idéia do que fazer nessa vida.

Valdir nunca gostou de pedir. A mãe é que o obrigava. Preferia... "pegar". Começou e não parou mais. Pegava e corria. Era desajeitado com as mãos, mas rápido com os pés. E assim se defendia.

Dona Ísis queria dar aula mas encontrou aquele "alemão forte". Foi num baile em Jaú. Ele falava tudo arrastado, era peludo no peito e tinha olho verde... fazer o quê?

Darci e Valdir já tinham casado por amor, mas nenhum dos dois era santo.

Dona Ísis, se pudesse, seria menos santa.

Darci terminou o segundo grau depois que entrou pra PM. Frequentava pouco. Repetiu de ano. Tirou diploma e ganhou um aumento. Coisa de setenta reais. Pra dizer a verdade ele não tinha certeza se era por causa do diploma, só que era uma bosta de aumento.

Valdir não terminou o primeiro grau. Naquela época não tinha esse mole pra passar de ano e Valdir não passou a maioria das vezes; até que se encheu, virou as costas pra escola e foi embora.

Dona Ísis, "fazer o quê"? Casou grávida (mas é até feio eu estar dizendo isso aqui, pois pouca gente sabe).

Darci fez curso de tiro no Barro Branco. Descobriu que tinha habilidade com o fuzil e se especializou em acertar a testa daqueles bonecos de papelão.

Valdir aprendeu a atirar em melancia e garrafa, nos fundos do depósito do Seu Ademar, que comprava algumas daquelas coisas que ele "pegava" por aí.

O marido de D. Ísis se deu bem na terra. Tirou dela sítio, carro, o sustento e a faculdade dos filhos que quiseram estudar, além da casa de Vila Mariana.

Com hora extra, auxílio insalubridade e mais uns troços Darci ganhava quase dois mil por mês. Ganhava muito mais, segundo o hollerith, mas aquele era o dinheiro que chegava na sua mão. Disso

que chegava na mão de Darci, quase mil e seiscentos desapareciam no mesmo dia. Não lhe perguntem como.

Tinha mês que Valdir torrava dez mil. Tinha mês que torrava vinte. Tinha mês que Valdir pedia esmola.

Dona Ísis nunca passou fome, mas aprendeu a trazer o orçamento da casa ali ó.

Darci tentou financiamento pra um apartamento de dois quartos na Vila Alpina, mas tem pouco tempo de corporação pra isso e falta uns documentos.

Valdir já dormiu em suíte cinco estrelas e ao relento. Dormir ele aprendeu que é cair duro e esquecer, de um jeito ou de outro.

Dona Ísis não troca sua cama por nada, ainda que os netos a deixem dormir pouco nos últimos tempos.

Darci já poderia ter feito curso de sniper na Flórida ou em Israel, mas não tem a menor noção de inglês e primeiro vão aqueles que falam meia dúzia de palavras... ou puxam o saco.

Valdir inventou uma língua própria pra acompanhar Michael Jackson. Parece com o original, mas nem ele mesmo entende.

Dona Ísis gostaria de falar italiano, praquelas coisas napolitanas que ouvia a mãe cantar no tanque, em Barra Bonita.

Aliás, estava tocando Michael Jackson no radinho do quartel quando soou o alarme. Darci pulou da cama, se espetou nas botas e saiu abraçado com o fuzil, procurando por viatura.

Quando soou o alarme, Valdir se atracou com a primeira velha que encontrou e, arma na cabeça dela, ficou encostado na parede dos fundos.

Dona Ísis não se entendia com o caixa eletrônico. Por isso, embora não precisasse, estava na fila. Não na da "terceira idade", que ainda nem era idosa pra isso. Então alguém a puxou pelo pescoço e a está usando de escudo.

Tem pelo menos uma dúzia de homens fardados, escondidos por trás de três carros de polícia, além dos vidros. Tem um atirador de elite sobre a portaria de um prédio de apartamentos de dois dormitórios no outro lado da rua. Está chegando a hora do almoço... todo mundo tem fome... um sol desgraçado... cozinhando no cimento... Darci pousa o indicador no gatilho do seu fuzil... Valdir puxa o cão do seu trinta e oito... o nariz de Dona Ísis está pinicando... ela vai espirrar... senhoras e senhores... façam suas apostas.

MUITA ATENÇÃO COM ESSES CARAS!

São esses caras que ficam quietos onde é preciso dar um grito. São esses caras que falam demais na aflição do silêncio. São esses caras que querem governar por aqui e deixam o dinheiro guardado lá fora. São esses caras que lançam coisas mal cheirosas nos ventiladores dos paraísos fiscais. São esses caras que, à primeira inspeção, acenam com advogados. São esses caras que furtam, esses caras que batem, esses caras que alisam...

São esses caras que contaminam a população por via das dúvidas. São esses caras que prometem, vendendo numa planta o que deixam de construir. São esses caras que soterram esperanças com juros, taxas e impostos, fazendo a garra do débito arranhar a bunda dos desgraçados. São esses caras que conseguem dormir com os seus crimes. São esses caras que se orgulham deles. São esses caras e suas obsessões e seus átomos fissurados. São esses caras que se desculpam pelas bombas inventadas e pelos estragos mal feitos. São esses caras que se dizem preocupados com as baixas e assinam as convocações pra guerra. São esses caras que treinam coitados, transformando-os em soldados. São esses caras que já tiveram demais, discutindo por quem precisa de pouco. São esses que nada sabem, que lamentam profundamente, que não podem se envolver nem se responsabilizar...

São esses caras e suas novelas nos prendendo à cadeia local da burrice moral via satélite. São esses caras expondo crianças peladas pra deleite da família brasileira. São esses caras que defecam sua insegurança nos noticiários assustados. São esses caras e seus jogos

empatados. São esses caras retocados, esses caras de inteligência artificial, caras que não têm vergonha da própria imagem de fracasso...

São esses caras que se escondem atrás de aleijados, retardados, cegos e crianças desmamadas; que acham que a felicidade é um encosto demoníaco, que querem enfiar Deus por nossas goelas sufocadas de perdão e obscurantismo...

São esses caras enlutados que acham que sabem de lésbicas e viados...

São esses caras que dão entrevistas pra exigir salário esposa, salário sogra, salário esperteza e folga e abono e pensão e ainda aceitariam um aumento no "salário tédio"...

São esses caras que vivem de rendas bordadas com o sacrifício dos outros. São esses caras que mandam avisos, que aguardam ordens, que fazem o possível...

São esses caras operários que não obram. São esses caras doutores que não pensam. São esses caras que querem se aposentar com tudo porque trabalharam o suficiente. Esses caras que acham que devemos morrer trabalhando. São esses caras que deixam que se dane, que preferem que se foda, que julgam que devem, que escolhem não pagar, que desejam não morrer. São esses caras que não conseguem parar, que aceleram na última hora, que deixam pro último dia, que enchem a cara, que armam cagadas, que entram na marra. São

filas duplas, carros por cima das calçadas e cadáveres espalhados no asfalto. São granadas das forças armadas, metralhadoras apontadas e facas espetadas nas gargantas...

São esses caras que respondem pelos planos, que oferecem todas as garantias, que asseguram que o sacrifício é necessário. São esses caras que repartem o bolo, que dão banana, que esmagam pão. São esses caras que controlam a oferta pra controlar a procura. Esses caras agarrados aos relógios de ouro, às pastas de couro, aos cheques sem fundo. Esses caras que não se acham, que têm certezas, que estão na dúvida. São esses caras que cospem nos pratos em que comem, que apostam aquilo que não tem, que rosnam nas portas elegantes. São esses caras que chutam cachorros esfomeados e que enchem a boca de seus filhos com o que deveria ser papel higiênico de repartição pública. São esses caras que cafetinam artistas com passagens patrocinadas, estadias bem pagas e catálogos impressos na China medieval. Esses caras e sua propaganda de filmes e seus filmes de propaganda. São esses caras que criam por encomenda, que assinam pelos outros, que passam procurações...

São esses caras que gostam de falar, que costumam falhar e que a essa hora já estão rindo da nossa cara de palhaço. São esses caras que podem surgir, que querem sumir, que gostam de aparecer. São esses caras constantemente reeleitos por colégios eleitorais suspeitos, fazendo questão de exibir seus diplomas de maioria e seus certificados de independência. São esses caras que permanecem apesar de todos os ódios, todas as pragas, todos os tiros. São esses caras

velhos que não largam o osso. São esses caras maduros que não vão nem desocupam a moita. São esses caras jovens que não sabem o que não querem. São monstros de estimação fornidos em mansões hereditárias...

São esses caras que esperam parar, que ameaçam fugir. Esses caras que erguem os muros da discórdia sem vergonha; judeus blindados, muçulmanos explosivos, católicos incomodados, protestantes que não se mudam... esses caras que nos espancam com as suas razões e o seu bom senso, inscrevendo ódio na encruzilhada da História.

São esses caras que não controlam seus instintos estúpidos nem suas vontades mesquinhas. São esses caras que se sujam por pouco, por muito, por tudo ou por nada... esses caras que parecem consigo, que parecem comigo!

Esses caras... são esses caras... vejam só esses caras... esses os caras... muita atenção com esses caras!

BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DESSAS ÉPOCAS

Há sempre a possibilidade, como torres são derrubadas, que pontes sejam erguidas. Também é provável que prevaleça a ignorância acima de todas as expectativas. É possível que os maus atores continuem sendo maus políticos e que os bons atores continuem fazendo bobagens em nome de ter os pés cimentados nas calçadas de fama duvidosa. É possível que os fabricantes de armas triunfem e que os usurários nos tomem a vergonha da cara. É provável que

as crianças continuem morrendo por estarem vivas e que os homens de negócio continuem sendo fuzilados nas esquinas, agarrados aos Rolex falsificados. Mas há épocas em que escombros são transformados em países e épocas em que países se transformam em piadas. É provável que a insistência nos faça cegos. Que sejam os surdos a ouvirem nossas preces. É provável que nossa raiva nos prejudique... mas somos resistentes, ah se somos! A vida se impõe e nós queremos a nossa parte. Alguns querem em dinheiro, outros querem em afeto. Todos querem alguma coisa. Todos merecem o mesmo. Mesmo sem querer, quero dizer.

Convém apenas lembrar que há épocas em que os defuntos levantam, as calças abaixam e a moral faz água. Há épocas em que se repara nos dentes das éguas, em que somos tratados feito boiada e épocas em que nos sentimos as feras do momento. Há épocas em que os médicos consultam-se em corporações, em que os juízes desrespeitam as leis e há épocas em que advogados de porta de cadeia são capazes de destruir sistemas cansados com um laudo. Há épocas em que as elites nos legam tradições e épocas em que nos legam traições ou dívidas. Há épocas em que o sangue ferve e outras em que ele espirra. Há épocas em que dão tiros nos pés e épocas em que se atiram no escuro. Há épocas em que os soldados são honrados e épocas em que espancam os compatriotas. Há épocas em que os passaportes têm saída e épocas em que são negados. Há épocas em que os diplomatas arregaçam as mangas e épocas em que se apoiam em canapés e champanhe. Há épocas em que os religiosos estão com o diabo no corpo, os empresários apoiam as piores causas e os funcionários se burocratizam ainda mais. Há

épocas em que os professores ensinam pensadores e há épocas em que fazem o que mandam pelo que recebem. Há épocas de duras provas e épocas em que qualquer imbecil passa de ano. Há épocas em que um ano dura um segundo e épocas em que dura um século.

Há épocas que nossos amantes nos traem, que os trens descarrilam e que o ressentimento é a única memória que nos resta. Há épocas em que o passado ilumina o futuro e épocas em que é melhor não estar presente. Há épocas em que os sobrenomes não adiantam. Há épocas em que fazem diferença. Há épocas em que o interesse cresce mais do que o desejo e o despejo mais do que o aluguel. Há épocas de desordem e atraso. Há épocas em que com pouco dinheiro se conhece o mundo e épocas em que os habitantes deste planeta esmolam trocados.

Há épocas em que as necessidades são procuradas. Não há registro de que sejam satisfeitas, mas há épocas mais felizes que outras. Há épocas de esplendor e de decadência, de idiotice assumida e de assumida consciência. Há épocas em que as obras são mal cheirosas, em que os tapetes ficam inchados de evidências. Há épocas em que as vilezas são reveladas e épocas em que fazemos questão de ungir canalhas. Pois há épocas em que os linchadores opinam nos destinos nacionais e épocas em que são postos na cadeia. Assim tem sido, mais ou menos...

Há épocas em que as intenções são melhores, os investimentos são maciços e os resultados são mesquinhos.

Há épocas em que se tira proveito do inferno.

Há épocas em que as vacas são magras, os ratos são raros e os tumores são benignos. Há épocas em que concordar num assunto já é suficiente, mas há épocas em que tudo aparece pouco. Há épocas de guerra, de gozar na cama, de arar a terra, de cair na lama. Há épocas que têm alma e épocas que são malas. Há épocas de incerteza e épocas de vontade. Há épocas de desprezo e épocas de esperança. Há épocas em que descobrimos as palavras e épocas em que, por gestos simples de entender, as evitamos.

Há épocas que são racionais e épocas que dão dor de cabeça. Há épocas em que pensamos com outra cabeça e épocas em que as temos erguidas. Porque há épocas em que estamos verdadeiramente preocupados e épocas em que queremos mais é que se...

Há épocas em que um terço parte, um terço fica e um terço morre. Há épocas em que se reza mais que em outras. Há épocas em que Deus some e épocas em que Deus ajuda. Há épocas em que todos juram qualquer coisa que os faça perseguir qualquer um. Há épocas que estamos contentes conosco. Há épocas em que os telefones nos aproximam e outras em que nos oprimem com seus toques. Há épocas em que as penas são leves e as contas impagáveis. Há épocas em que fazemos questão de saber o que acontece e épocas em que nos escondemos atrás de sete mil portas fechadas a quarenta e nove mil chaves.

Há sempre uma escolha.

Há épocas que são épicas e épocas que são poucas.

VERBOS DE AÇÃO

1
COMPRAR

Você está devendo. Você devia estar vendendo, mas você compra. Você compra por comprar. Você compra pra comprar. Você compra pra vender, gozando o suor alheio. Você compra pra dar. O que não percebe, embora precise, você também compra. Mas esquece. Você pechincha, chora, pede pelo amor de Deus, atrasa, paga juros, mas compra. Você também paga, mas só pra comprar de novo. Você compra sem recibo. Você compra, mas só pode comprar de tudo um pouco. Você compra água, ar, terra e fogo. Você compra afeto mal dado cujos dentes apodreceram. Você até pode comprar seguro. Você compra perdão. Você, sangrando e babando, tenta comprar a morte, mas certas coisas não têm preço.

2
PISAR

Não é uma condição do movimento, mas você pisa. Pra se manter de cabeça erguida, pra emergir na coreografia caótica das cidades, você pisa. Você pisa em falso. Você pisa com gravidade, ou levemente, mas você pisa. No que e em quem está por baixo. Um pé depois do outro. Pés plantados nas solas, você pisa. Sinfonia de sandálias triturando pedregulhos. O mármore desgastado das escadas milenares. Outros planetas pisados nas crateras. Você pisa o fundo amargo dos sapatos. A brasa viva das fogueiras. O coração desfiado de amores, você pisa. Você pisa no acelerador, pisa em ovos, em pregos

enferrujados, tomates abortados e cascas de banana. Você pisa sim, e também escorrega, mas este é outro verbo.

3
ODIAR

Não será preciso pensar muito. Você se concentra um instante. Lembra o desprezível. Odeia. A favor da natureza, você odeia. Você odeia apesar das pregações em contrário e quando uma nação inteira o faz (por um espetáculo de ódio, você odeia). Você também odeia sozinho, ruminando as borras da sua frustração. Você odeia o empregado e o patrão. Você odeia o que não conhece e o que sabe muito bem. Você pode odiar serenamente. Panos ferventes devidamente colocados. A paisagem calcinada da desolação. Mesmo que ninguém provoque, você odeia. Você odeia sem motivo. Você odeia o ódio. Ódio puro. Digno. Fiel. Um motor que se alimenta. Um veneno magnífico. Sem antídoto. Com toda a razão.

4
CHORAR

Você chora. A violenta contração da alma ardida explodindo no rosto flácido. Você chora o leite derramado e o bebido, o que perde e o que encontra. Por ter vindo a este mundo, você chora. Você chora de rir. Chora no banheiro sem necessidades. Chora de noite o que só sabem as fronhas mais íntimas. Você chora de manha. Chora o que não disse e chora ao dizer exatamente. Você chora quando mente (lágrimas de crocodilo). Você chora quando crê (lágrimas de groselha brotando em santos de gesso). Derretendo as calotas do crânio,

implorando por sua vida, pondo fim a ela. Por mulheres, relógios, casacos, anestesia, por bombas de gás, você chora. Sem razão. Por chorar. Chora mesmo. A água salgada do alívio. A lágrima pura.

5
RIR

Um arrepio na inteligência, um soco no baço, um escorregão, uma torta de limão arremessada num rosto em transe e você ri. Ri dormindo, ri cortando bife, fazendo conta e defecando. Como um soluço mal dado, você ri. Com a cara, a coragem ou a covardia. Você ri todos dias. Você ri com todos os dentes (brancura de gargalhada no espelho). Ri do bom, do melhor, do desprezível (uma risada grudando na outra, fazendo essa música rachada no céu da sua boca). Ri de palhaços e homens sérios. Ri nos cemitérios. Ri com respeito e pra desmoralizar. Ri pra relaxar, pra disfarçar, pra comemorar. Dos vivos e dos mortos, você ri. Apesar de tudo, você ri. Um saco de risadas. Ri de si. Ri pra não chorar. Ri enquanto é tempo.

6
FUMAR

Um café, um cinzeiro, o tempo e você fuma. Fuma pra correr da espera. Porque falta alguma coisa. Pra entender o que sobra. Pra ver entrar e sair a fumaça, você fuma. Marcas de batom nos filtros. Manchas encardidas no pulmão. Apesar da propaganda cancerosa, você fuma. Fuma um atrás do outro. Fuma languidamente. Fuma pra aparecer e fuma escondido. Fuma o que lhe cai enrolado nas mãos. Fuma pra enlouquecer e pra se acalmar. Fuma pela paz. Fuma

levando fumo. Brasa pra torturar. Fuma por fumar. Fuma antes, durante e depois. Fuma diante da própria caveira asmática. Fuma e ri. Contra todos. Por ninguém. O Ministério da Saúde adverte: a vida humana é um enorme prejuízo aos cofres públicos.

7
SOFRER

Porque é a forja da experiência. Porque é terrível. Porque é um aconchegante ninho de ratos. Porque é inútil. Porque é gostoso, você sofre. Sofre com frio, com calor. Sofre de dor, sofredor. Com sofreguidão de amor, você sofre. Por terra, por pão, por liberdade. Por homens, por mulheres, bichos e bicicletas. Pela humanidade. Por um precinho. Encharcando lenços, esmagado em peitos, abraçado a deuses desconhecidos, você sofre. Torcendo e retorcendo os panos úmidos da alma. Como quem se conhece, como quem se masturba, como quem envelhece, como quem se revolta. Como um continente comido pelas bordas. Como um passarinho, você sofre. Sofre diante do espelho. Prato quente servido à congestão.

8
GOZAR

Em silêncio. Em público. Úmido. Teso e túrgido, você goza. Pra relaxar, pra acordar. Goza gritando e se espojando. Nadando no seco. Afogado em saliva. Cravando os dentes nos lençóis do abandono. Sozinho, em grupo, alisando as curvaturas da mãe terra. Em linha reta. Pondo, tirando, levando no rabo. Goza do amor. Goza de dor, gozador. Dando graças a Deus, você goza. Batendo a poeira

secular das famílias. Brincando em coxas tenras, em rugas lúbricas. Com o dedo no gatilho, chorando e implorando. Como sinfonia. Como apito estridente. Goza contente. Nos cantos escuros, em cores, com a coisa dos outros, você goza. Com desenhos, fotografias e filmes. Sobre teclados imaculados. Ao azar da sorte. Você goza contra a morte.

9
PERDOAR

Pisando em asfalto movediço. Com uma faca encravada nas costas. Armado até os dentes, você perdoa. Mesmo sendo um precinho que não se deve pagar e uma continha que não se pode receber. Tentando apagar a lousa do tempo onde se escreve com o giz empedrado da aflição, você perdoa. Desandando a maionese da vingança no liqüidificador da inteligência. Perdoa o imperdoável. Perdoa gregos, troianos, mulheres e crianças. Faz pazes. Perdoa ralando terços, esmagando seios secos, com gastrite. Sem testemunhar os fatos. Lanhado até os ossos, você perdoa. Perdoa porque precisa. Porque é perdoando que se é perdoado. Porque é uma piada. Você perdoa Deus. Perdão é a mais escrota sugestão do Diabo.

10
TRAIR

Exalando perfumes estrangeiros. Sapatos nas mãos frias. Você abre a porta do lar com o cuidado de um cofre. Pé ante pé. Na alegria e na tristeza. Avança. Na saúde e na doença. Lava o rosto com detergente de maçã, escova os dentes ressecados, deita-se na

tumba dos lençóis amarfanhados, você trai. Trai a mãe da mãe, trai a própria mãe, trai a mãe dos filhos. Trai crenças e compromissos, empresas e partidos. Não é uma questão de gosto, mas de oportunidade. Você trai por caridade. Trai a confiança medida dos amigos. A infinita inimizade dos inimigos. Trai sem querer, trai querendo. Por trinta dinheiros mirrados, por carros, por uma boa buceta. Você trai pra aparecer, até trai pra esquecer. Que Deus lhe perdoe. Eu é que não posso.

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro e radicou-se em Porto Alegre. É doutorando em teoria literária pela PUCRS e mestre em letras pela UFRGS. Professor e escritor, é autor dos livros *O Beijo na Parede* (Editora Sulina, 2013), *Estela sem Deus* (Zouk, 2018) e *O Avesso da Pele* (Companhia das Letras, 2020).

*

"Bethânia" foi publicado, com outra paragrafação, na coletânea de autoria coletiva *Contos de Quarentena* (org. Mauro Paz). "Resistir com metáforas: um guia afetivo para 2020" foi publicado, em dezembro de 2019, no site *Literatura RS*. Com outra paragrafação, "A nossa jornada diária" foi publicado, em novembro de 2020, na revista *Quatro cinco um*. "Modos de acabar o mundo" e a série "A diluição do mar" são inéditos.

BETHÂNIA

Um dia chegamos a pensar que nosso pai fosse Deus. Nosso pai decretava ordens. Minha mãe consentia. Achávamos que meu pai havia criado o mundo. Habitamos o seu pensamento. Mas agora, depois de tudo, entendo que ele não era nada disso. Nosso pai tentou apenas ser um bom homem. Por muito tempo ele nos fez acreditar que o universo da nossa casa bastava. Era um tempo em que ninguém chorava. Dentro da casa a alegria também não entrou. Ninguém falava em saudade. Havia também outra regra: a de nunca reclamarmos da solidão. Jamais pensei que pudesse me habituar a ser sozinha. Mas depois que meu pai resolveu fechar as portas e as janelas, todos nós tivemos de ser sozinhos. Cada um procurou um lugar para ficar e se acostumar a ser só. Minha mãe foi a primeira a se aproximar do silêncio. Na época muita gente achou que nossa família tinha enlouquecido. E eu não sabia que ter medo era uma doença. As pessoas ainda me perguntam como conseguimos. Antes eu também me perguntava, mas não tenho respostas. Só fizemos o que tínhamos de fazer, disse meu pai, certa vez. Mas aqui não somos livres, pai. Somos, Bethânia. Mas vivemos presos nessa casa, longe de todos. Não, Bethânia, é ao contrário, vivemos aqui livres de todos. Meu pai dizia aquilo sem nenhuma grosseria, sua voz era tranquila, como se estivesse nos ensinando a sobreviver pela solidão. Nosso pai achou que algumas semanas seriam suficientes para que nos esquecessem. Por isso nos primeiros dias nada muito diferente aconteceu. Apenas combinamos de não sairmos na rua durante algum tempo. Mas acontece que fomos ficando. Nunca nos dissemos nada. Fomos apenas ficando. Criamos nossas fronteiras. Acostumamo-nos.

De repente estávamos lá havia três meses. Talvez as pessoas pensem que viver assim é difícil. No entanto, viver com medo é pior. A casa nos permitia desistir do mundo porque ele já havia desistido de nós. Éramos negros. E o mundo à nossa volta tornou-se mais perigoso. Nossos corpos sempre estiveram em risco. Mas agora, a vigilância sobre nós aumentara. Uma vez por semana recebíamos os mantimentos de um amigo do meu pai. Ele era branco. E ainda podia caminhar pela rua. Com o passar do tempo aprendemos a observar os sons da casa. Barulhos domésticos. Os sons das louças do café. Bons dias murmurados e tristes. Pisadas no assoalho. O tilintar dos talheres. Um fungar de nariz. Uma tosse acanhada. A descarga do banheiro. Água na pia. A escova nos dentes. Outros cochichos. Mais silêncios. Outros silêncios, diferentes do anterior. E vinha almoço. Prato nos pratos. Os copos entre si. O barulho da toalha sobre a mesa. Mais pés no assoalhado. Mais silêncio. O som da comida nas bocas. O gole na garganta. O garfo na mesa. A faca no chão. E os olhos do pai pedindo para não fazermos barulho. Nossa lei máxima era o silêncio. As conversas amenas sobre o tempo. Não se falava em passeios. Não se falava em política. Nosso mundo era aquele e não reclamávamos. Apenas estávamos ali. Eu havia terminado o Ensino Médio. Ia fazer 18 anos. Mas não sentia falta da escola. O fato é que nos trancamos dentro de uma casa e lá ficamos. Aos poucos todos nós deixamos de prestar atenção no mundo. Tinha impressão de que no início nada nos faltava. Não conseguíamos mais pertencer àquela humanidade. Tínhamos outra, dentro de nós, que talvez nunca tenha sido reconhecida pelo mundo que agora nos perseguia. Todos nós tínhamos medo de morrer. Deus não entrou lá em casa porque meu

pai não deixou. Às vezes ele dizia que Deus era só uma invenção e que só estaríamos a salvo estando em família. Essa era a nossa religião: a família. Meu pai também acreditava no fim dos tempos. E eu que não sabia que todo o tempo tem um fim. Nossa casa era muito simples, mas não éramos miseráveis, digo, não passávamos necessidade. Quando meu pai decidiu fechar nossa casa, as coisas mudaram. Meu irmão parou de trabalhar. Minha mãe deixou de trabalhar, meu pai se aposentou e decretou o nosso desaparecimento. Partimos, mas ficamos sempre aqui. Naquele dia, a casa passou a ser o nosso país. Nossa chegada permanente. Nada era mais importante que os limites das paredes. Em casa éramos diferentes. Criamos um mundo onde podíamos viver. Nos acostumamos a não fazer barulho porque queríamos que nossos vizinhos acreditassem que tínhamos ido embora. Deixamos de ouvir música alta. Eu escutava rádio com meus fones de ouvido. Eu ouvia muitas músicas tristes, a minha preferida era uma que dizia que o mundo era um moinho. Minha mãe dormia cedo e acordava cedo. Meu irmão passava o dia no quarto deitado olhando para o teto. Às vezes, ele ligava o rádio, mas era apenas para escutar notícias sobre violência. Nos domingos ouvia notícias sobre esportes. Porém, era o meu pai o mais misterioso para mim. Com o tempo ele deixou de conversar e só resmungava. Acho até que foi por isso que Deus começou a entrar em nossa casa. Várias vezes peguei minha mãe rezando escondida. Nossa casa não era muito grande. Tinha seis cômodos. Mas acho que ela só tinha quatro quando meu pai a comprou, os outros dois foram construídos com o restante de pátio que tínhamos ao fundo. Era pela tevê que sabíamos do mundo. Mas aos poucos, deixamos a tevê de lado.

Meu pai dizia que na televisão todos mentiam e por isso as pessoas tinham medo. Mas acho que meu pai se enganou porque mesmo depois de jogarmos fora o aparelho continuamos a ter medo. Nossa maior tragédia não foi ter permanecido presos naquela casa. Nossa maior tragédia foi ter saído um dia, pois inventamos uma vida e acreditamos nela. Essa era a nossa salvação. O útero reencontrado. A casa. A casa era a nossa justiça. Um país de nós mesmos. Fazíamos as nossas leis. A casa era o nosso quilombo. Por um tempo a casa nos salvou da loucura ou da apatia das boas pessoas.

MODOS DE ACABAR O MUNDO

A primeira vez que o mundo acabou, eu tinha 12 anos e estava na sexta série. Ouvi o professor de ciência dizer que o sol um dia iria explodir. Disse, assim, sem pesar, sem tristeza e com naturalidade. Primeiro ele desenhou o sistema solar no quadro, depois nos mostrou em detalhes como o sol engoliria os planetas ao seu redor dali a 4 ou 5 bilhões anos. Disse ainda que o fim da humanidade seria bem antes e que talvez tivessemos apenas mais alguns séculos sobre a terra. Tudo que existe um dia teria um fim para nós, ele disse. Mas não se preocupem, este é o ciclo natural do universo. Voltaremos a ser o que fomos por milhares de anos: pó de estrela.

Enquanto o professor continuava eu olhei para a janela e vi o sol entre as árvores e pensei como era possível aquilo. Como era possível que a vida inteira pudesse deixar de existir. O mundo era tão vasto para terminar, pensei. Uma espécie de desamparo tomou conta de mim. Eu tinha 12 anos e era jovem demais para sentir

angústia, mas eu sentia. Lembro que minhas mãos suaram frio. Tive palpitações, enjoo, tontura e falta de ar. Desde aquele dia um certo mundo se apagou para mim. O mundo estável e eterno se perdeu e eu me descobri finito.

Durane o recreio joguei bola, fiz um gol, tomei água e comi a merenda da escola. Mas sabia que algo havia mudado. E antes de voltar à sala de aula, olhei para o sol. Pensei na sua força e na sua ternura ameaçadora. O calor e a distância me magoavam. Depois, em outra aula, a professora de matématica corrigiu alguns exercícios e eu até pensei em perguntar para ela se 5 bilhões de anos era muita coisa.

A segunda vez que o mundo acabou foi quando descobri que era diferente dos outros. Isso também foi na sexta série. Explico. Toda vida carrega uma fratura. A minha está relacionada à cor da pele. Certo dia, na escola uns meninos brancos faziam piadas sobre negros e apontavam para mim. No início, eu ria junto porque eu achava que deveria rir. No entanto, naquele dia em que meu corpo fora nomeado negro, naquele dia em que minha cor chegava primeiro, eu não sabia, mas um certo mundo se apagou. A vida até ali reduzida à minha pele.

Às vezes, em minha memória, vasculho aquele mundo anterior à nomeação do meu corpo como negro. Mas este mundo vem aos pedaços. Lembrar é mais difícil que esquecer.

Outro dia, antes da pandemia, reencontrei aquele professor da sexta série. Caminhava pela rua com dificuldade acompanhado de sua filha. Parei e o cumprimentei. Ele fez um gande esforço para lembrar de mim. Mas não conseguiu. Meses atrás o professor foi acometido de um derrame e a memória foi compremetida. Mesmo assim, lembrei-o sobre aquela aula. Disse-lhe o quanto me marcou. O professor olhava com atenção, depois disse, não lembro, mas se você diz, eu acredito. Falou dando um tapinha no meu ombro. Logo em seguida, nos despedimos. Ele parecia cansado. Voltei para casa. O mundo em que talvez eu habitasse na memória desse professor também se foi.

Com a chegada da pandemia e a necessidade do isolamento, vimos em poucas semanas um mundo acabar: o mundo dos encontros, dos cumprimentos e dos abraços se perdeu. Passamos a habitar o tempo da saudade de forma aguda e penosa.

No ínicio de tudo, pareceu-me que a nomeação do corpo negro havia sido sustada. Acreditei que finalmente a igualdade havia chegado. Toda a humanidade acometida do mesmo mal. A solidariedade imperaria. Um esforço humanitário mundial se levantaria e então negros e brancos, ricos e pobres, homens e mulheres estariam juntos para salvar uns aos outros.

A ilusão durou apenas alguns dias. Pois o mundo não findou somente para as pessoas que sucumbiram ao Covid-19. Findou também para aqueles que, por vezes, são impedidos de respirar,

impedidos de caminhar, impedidos de existir desde o momento em que sua pele é nomeada e criminalizada. Um corpo negro é sempre um corpo em risco. A vida não dá tréguas.

Quando o menino João Pedro ouviu os primeiros tiros e correu para dentro de casa, não imaginou que o mundo iria findar daquela forma. Não imaginou que as balas de um policial dariam fim a ele. Quando Pedro Gonzaga foi ao supermercado, não pensou que perderia a vida asfixiado por um segurança. Quando a menina Ana Carolina de Souza Neves chegou em casa, não imaginou que uma bala encotraria sua cabeça. Quando Marcos Vinicius ia para a escola, não pensou que um tiro de fuzil findaria o mundo. Quando voltavam para casa, nem Agatha Felix nem sua mãe imaginavam que aquele era o último dia neste mundo. Quando Evaldo dos Santos entrou no carro junto com a familia, jamais pensou que o mundo acabaria após ser alvejado por 80 tiros. Quando George Floyd entrou naquela loja, não imaginou que lhe restavam poucos minutos de um mundo que já se despedaçava.

Há muitas formas de acabar o mundo. Mas talvez para os negros, suportá-lo seja algo mais urgente que temer o seu fim. Hoje, não tenho mais angústia em saber que em 4 ou 5 bilhões de anos o sol irá explodir e que um dia irá engolir tudo à sua volta. Minha angústia foi deslocada para a ideia de que todos os dias um sol se apagará para pessoas cuja cor da pele justifica o fim de seus mundos.

RESISTIR COM METÁFORAS: UM GUIA AFETIVO PARA 2020

Desde a infância o excesso de realidade me agride. Quando nascemos o mundo está posto e somos obrigados a nos adaptar. A realidade nos invade de tal modo, que não há tempo para fugir dela. Logo a vida ordinária, tributária, violenta e operária se torna impositiva e, caso não estejamos atentos, seremos engolidos por ela. O excesso de realidade nos transforma em peças. A metáfora é o nosso abrigo provisório.

Descobri a ficção na adolescência, desde então luto para não achar que a vida é igual à literatura. Aos 14 anos, quando eu e minha família saímos do Rio de Janeiro e viemos para o Rio Grande do Sul senti o quanto a realidade pode nos desumanizar. Na época, não tínhamos onde morar, peregrinávamos pelas casas de parentes e minha mãe alternava sempre em trabalhos subalternos.

No auge de nossas dificuldades, um conhecido disse que o sapateiro do bairro estava precisando de um ajudante. Minha mãe me levou até a sapataria. Fazia muito calor naquela tarde. Um senhor branco, sujo de graxa, me olhou e perguntou minha idade, eu respondi. Depois, perguntou se eu tinha experiência. Respondi que não. E ainda me analisando, perguntou se eu era viciado em cola de sapateiro, antes que eu pudesse responder que não, um balão vermelho, desses de aniversários infantis, chamou minha atenção. Lembro que, distraidamente, deixei o sapateiro falando sozinho, atravessei a rua e fui atrás, sob o olhar de espanto de ambos. Eu não sabia de quem era o balão. Não sei ao certo o que me levou a fazer aquilo. Mas,

talvez, o balão tenha sido a minha metáfora. A distração também é um modo de resistência. Nem preciso dizer que não fui contratado, mas levei o balão para casa.

Às vezes penso que há uma contradição no termo "literatura engajada". Creio que nenhuma literatura possa ser engajada, ou então todas são. A literatura existe para discordar da vida, por isso ela é necessária. A metáfora nos expande para além de nós mesmos. E essa expansão, às vezes, é que nos põe de pé. A metáfora não nos salvará de nada, não pagará nossas contas e não nos livrará da dor. A metáfora, assim como a ficção, nada podem contra um mundo abjeto, mas são elas, justamente elas, que nos permitem reconhecer os paradoxos de nossa caminhada. A literatura expõe o pior e o melhor de nós. A ficção não se torna política porque o autor expressa opiniões, ela é política quando investiga os afetos.

Resistir com metáfora significa provocar um descolamento, ainda que breve, entre a realidade que nos agride e o mundo interno que nos integra. Trata-se de recuo para dentro de si. Como o recuo de uma onda, que se volta para dentro do mar, para mais adiante rebentar na beira da realidade.

Resistir com metáfora é um compromisso com a sensibilidade, porque em tempos hostis, o que nos pedem é a brutalidade. E é com ela que sucumbimos, aos poucos, como operários do ódio. Não são as palavras de ordem e de luta travestidas de literatura que irão

mudar as coisas. Não acredito nisso. Mas talvez a ficção e a metáfora possam educar a realidade para ser menos dura e atroz.

Resistir com metáfora é, talvez, acolher a frase de Sancho Pança, em Dom Quixote, ao dizer que "Até no inferno devem existir boa pessoas". Acolher, para logo em seguida discordar, se necessário. Só chegamos até aqui porque imaginamos. Resistir ao excesso de realidade é o único modo de preservar nosso mundo interior.

Resistir com metáforas é reconhecer que não há nada para salvar, a não ser um balão vermelho no meio da rua, num dia quente em Porto Alegre.

A NOSSA JORNADA DIÁRIA

Um homem está morto. E é um homem negro. No dia 19 de novembro de 2020 este homem negro foi ao supermercado Carrefour, discutiu com uma funcionária da loja. Logo a seguir foi escoltado por dois seguranças brancos até o estacionamento onde foi brutalmente espancando e morto. Fim da linha. Marcha fúnebre racista. Às vezes penso que nós, negros, temos, no fim das contas, uma única jornada a cumprir: a de deixarmos de ser negros. É uma jornada que cedo ou tarde temos de iniciar. Nenhum negro se torna impune à cor. Quando se começa uma jornada não sabemos aonde iremos chegar, nem como iremos chegar. "Deixar de ser negro" nada tem a ver com vergonha da própria cor, nada tem a ver com alienação ou falta de conscientização. O que chamo de jornada a se cumprir é uma viagem de regresso à humanidade. Um cansaço justo de ter

uma cor, de pertencer a uma raça. Uma busca que nos confere dignidade e o direito de existir. Um reconhecimento existencial para além da pele. Tenho um filho. Ele se chama João. Tem dez anos. Há ainda uma ingenuidade nos olhos dele. E lamento por ter de fazê-lo empreender esta jornada tão cedo. Hoje, enquanto almoçávamos ouvimos a notícia da morte de um homem negro pela TV. Pedi para que João não olhasse as cenas violentas. Feche os olhos, eu disse. Ele fechou. Depois, entre uma garfada e outra, ele me olhou e perguntou por que estavam batendo naquele homem. Eu não sabia o que dizer. Na verdade, eu sabia, mas não sabia como dizer. Esperei um pouco e disse que o mundo, às vezes, não gosta de pessoas negras. João baixou os olhos, deu mais uma garfada e perguntou se o mundo não gostava de nós também. Eu disse que às vezes sim. Ficamos em silêncio. Terminamos o almoço. Ainda com os pratos na mesa procurei dizer algo positivo diante daquela atmosfera tão nefasta. Então falei que a gente precisava inventar um outro mundo. Um mundo onde a cor das pessoas não importasse e ninguém morresse por isso. João esperou mais um pouco e disse que esse mundo inventado era mais legal mesmo. Levantou da mesa e disse que ia brincar no quarto. Em seguida, iniciei este texto. No entanto, um homem está morto. E é novamente um homem negro. A nossa jornada seguirá. E pelo visto, será longa.

A DILUIÇÃO DO MAR

Em poças guardo

por um
triz

vermelho e
vermelho
aproxima e sacode

queima
ou encosta a palavra
nos
cacos
nos muros
sem
janelas

emprenha-se
de frio
sirene vermelha
vermelha
embaço
espesso
um céu obtuso

só
cegos no telhado

acenos de folhas
afogadas

em
poças guardo

as lições da terra

tombo vermelho,
em terra arrasada,
chiados das rezas
ogum beira mar
  de pé
chinela arrastada

vidência

punhos em lança

reza

Terra arrasada

carne nos dentes
plantas degustam
os restos

palavras
desfolhadas na
língua

lúcida
colheita em vermes
repousados

na espuma

paisagem do chão

flutua entre o espaçatempo

vôo curto
ao fundo
e sem paisagem

flana o peso
e a lembrança

flana a memória
sem os dias

flana

força um caminho

é ainda um corpo

ainda que
flana
ainda que maduro

um tracejo no chão geografado
pelo repouso

antes do mergulho

antes do mergulho
pressentir o rumor
cegar a noite
afagar superfície

antes do mergulho
suspender o gesto
prender o mar
guardar o mijo

antes do mergulho
espiar o gozo
lacerar a calma
impregnar a ostra

antes do mergulho
desfazer-se

o que nos trazes

ogum entrou no mar

olhos,
vertigem e ondas
mãos e a espada
gesto e o suor

jangada de pedra
e a savana nos pés

com a espada
risca o sol
e parte o dia em dois

entre a noite
e a madrugada

mensagem

num
pedaço de areia,
a palavra
deixa cair
na língua das águas
a marca da terra

guardas
numa concha
um filete
e o rastro

ali,
nasce o sal

do que antecede

percorre a espinha
adormece o
pensamento
na cama quente
os sentidos sobrevivem

desperta entre vãos
e cai novamente
sete degraus

percorre a pele
exércitos da
epiderme em alerta

desfalece e volta
novamente
sete degraus

não há fundo
são degraus infinitos
mas a pele volta

e segue
e cai

sete degraus
novamente
e
outra,
    e outra
            e mais outra

a diluição da mágoa

Em minha mão invento um mar
Solto-o entre os grãos
Ventos em sabotagem
Regressam as gotas

Meu rosto é o sal
O tempo desobedece
minha criação
Seca e marca areia do meu caos

Na outra invento pedras
Recolho-as
E meus dedos ainda sentem o cheiro da espuma

Ruas de mim se abrem

Luis Alberto Brandão é escritor, professor titular da Faculdade de Letras da UFMG e pesquisador do CNPq e da Fapemig. Entre suas publicações, estão os livros de ficção *Manhã do Brasil* (Scipione; finalista do Prêmio São Paulo de Literatura e do Prêmio Portugal Telecom de Literatura), *Chuva de letras* (Scipione; vencedor do Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro; finalista do Prêmio Jabuti; integrante do Programa Nacional Biblioteca da Escola), *Tablados: livro de livros (*7Letras) e *Saber de pedra: o livro das estátuas (*Autêntica; vencedor da Bolsa Vitae de Artes); e os livros de ensaio *Teorias do espaço literário* (Perspectiva; finalista do Prêmio Jabuti), *Canção de amor para João Gilberto Noll* (Relicário), *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional* (Lamparina; finalista do Prêmio Jabuti) e *Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant'Anna* (Fale/UFMG; vencedor do Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte).

PRINCÍPIOS DE CARTOGRAFIA*

escala: 1:1
material: palavra e não-palavra sobre tela evanescente
técnica: plotagem instantânea
© *copyleft*

* A primeira versão deste texto foi apresentada oralmente em junho de 2018 na conferência em formato de mosaico intitulada "Imagens de vida e morte", concebida e executada por três pesquisadores da UFMG – Ana Paula Paes de Paula, da Faculdade de Ciências Econômicas, Patricia Franca-Huchet, da Escola de Belas Artes, e Luis Alberto Brandão, da Faculdade de Letras – no programa "Encontros Transdisciplinares" do IEAT – Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares da UFMG.

[1]

bem-vindos

bem-vindos
à cidade

bem-vindos
à cidade
dos forasteiros

que moram
em lugar
nenhum

como a mais natal

das casas

[2]

bem-vindos

bem-vindos
à confraria

dos indóceis

que
querem
porque
querem

entortar

a linha do horizonte

Poéticas

[3]

bem-vindos

à terra
dos insepultos

indefinidamente

vagando
nas cristas

da lua sem luz

[4]

bem-vindos
ao time

dos inveterados

nadadores
da maré de si

quando
se espraia

para fora de si

[5]

bem-vindos
à seita

dos endiabrados

tementes
a qualquer tipo
de deus

sábios

da perversão de todo rito

[6]

bem-vindos à ala
dos revoltos

amantes de janelas

abertas

guardiães
de sonhos
loucos

e alguma alegria

[7]

bem-vindos
à praia

dos naturistas

cujos corpos
nus exibem

despudorados

beleza e vermes

decrepitude
e delícias

[8]

bem-vindos
à liga dos meliantes

em assuntos
de senso comum

comuns
acordos

[9]

bem-vindos ao delírio sonâmbulo dos insones

[10]

bem-vindos
ao clube

dos grafômanos

incorrigíveis
no trato amoroso

com o equívoco das palavras

EM TESE BELO HORIZONTE v. 27 n. 1 JAN.-ABR. 2021 VIEIRA (Org.). Poéticas: a(s) cidade(s) na literatura brasileira p. 383-548

[11]

bem-vindos à tribo

dos selvagens

distraídos

que se esquecem
justamente

dos segredos
da tribo

[12]

bem-vindos

ao rancho
dos alegres

caipiras

nem aí
para ser
[ou não]

infame a caipirice

[13]

bem-vindos
à trupe

dos galhofeiros

que sussurram
aos ouvidos
de quem passa:

existir

é
que
é

a mais perfeita

gambiarra

[14]

bem-vindos

bem-vindos
ao mundo

bem-vindos
ao mundo
dos vivos

Poéticas

Rafael Fava Belúzio é mineiro de Carangola, onde nasceu em 1985. É autor do livro de crônicas *1929* (Impressões de Minas, 2020/2021). Também publicou crônicas em diversos periódicos, desde 2005, em cidades como Belo Horizonte, Viçosa e Carangola. Lançou o ensaio *Uma lira de duas cordas*: o ritmo como elemento construtivo da binomia de Lira dos vinte anos (Scriptum, 2015) e possui doutorado em Estudos Literários pela UFMG.

*

O texto agora publicado na Em Tese, “29 paralelepípedos”, é feito em diálogo com os artistas plásticos Camila Monteiro de Lima, Gilmar Soares, Paulo Bevilacqua e Thiago Assis Felisberto Petronilho, e ainda em interação com o músico Otávio Ferreira, todos eles ligados à cultura carangolense. Além deles, na produção há mais referências a escritores de Carangola. Talvez algumas das referências sejam ficcionais.

29 PARALELEPÍPEDOS

Imagem: Camila Monteiro de Lima

"Andei por toda minha casa passando as mãos na parede para que não me perdesse, assim como tinha costume de fazer dentro de mim mesmo. Deambulei pelos cômodos, sem rumo, como eu palmilhasse vagamente – olhos baixos. Tinha dias que não olhava para fora, não via ninguém além de mim mesmo; incerto reflexo em um espelho quebrado. Minha casa não tem menores névoas que as dessa cidade".

(Reynaldo Araújo. *Scarlet*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2012. p. 199.)

"Duas da madrugada. Frio de orvalho, cheiro de mato. Acabei de ver um filme, dei um pulinho na geladeira e vim para a cama, ler e escrever um pouco até o sono me derrubar".

(RESGALA, Gabriel. *Comprei jujuba*. São Paulo: Clube de Autores, 2012. p. 41).

"Não sei se isto é um poema.
Desconfio que seja uma crônica,
talvez fotografias ficcionais".

(HORTA, Anderson Braga. *Signo*. Brasília: Thesaurus, 2010. p. 144.)

"As luzes fracas dos postes dão a impressão da pacatisse dessa cidade".

(MENICUCCI, Renan. *Julho de 83*. Carangola: Minasgraf, 2013. p. 18.)

"Olho em torno, olho ao longo –
a mesma monotonia"

(MILLEN, Gecilda Dias. *Fragmentos*. Carangola: Editora e Gráfica São José, 2005. p. 34).

"Um frio sudoeste, uma chuva fina".

(BRAGA, Rubem. *O homem rouco*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 24-25.)

"Desejo voar de mim mesmo, voar da armadura, do quarto, do cárcere, do panóptico, da cidade, do vale, do cone ao contrário, da

redoma de vidro, do luto de ensaio, do mundo dos mortos, da ruína, do arquivo, da vila fantasma, do vão, da falta, do Nada, da falência, do fracasso, da depressão. Desculpe, meu amigo, a confissão, mas às vezes me sinto um místico sem Deus, um cristão sem uma crença".

(Frei Maurício P., em carta enviada de Carangola.)

"No inverno nada muda tudo fora do lugar
dos livros que não li
das coisa coisas que não sei.
Hoje eu sou o que faltou em nós"

(Letra da Banda Maddame Rousseau.
Cantada pelo vocalista, Rodrigo Gema, em uma noite de Exposição,
em Carangola. Data incerta.)

"Pode ser um alguém que se foi...
Pode ser um alguém que não se vai.
Sei lá..."

(Letra da banda Spleen.
Cantada pelo baterista, Cabelo, no Bar do Breno, em Carangola. Data incerta.)

"Falta a brecha por onde escapar a entonação da diferença. Afinal, a terra nem sempre é leve".

(Luiz Morando. Quando conversávamos em uma rede social,
ou será em sua dissertação de mestrado?)

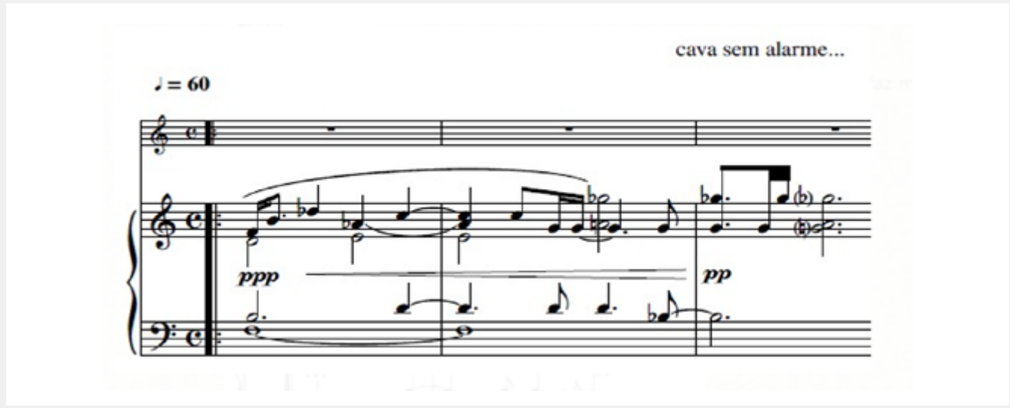
Imagem: Paulo Bevilacqua.

"Ali entre *Os sertões* e *Cidade de Deus*, em algum momento se passa por 1929, por *Fogo morto*, por *Vidas secas*. Ao mesmo tempo, se passa pela tensão do *Corpo de baile*, dançando aqueles sete movimentos lindos entre desejar sair de 'Campo geral' e desejar abrir a porteira do 'Buriti', entre Miguilim e Miguel. É uma agonia esse pilar da ponte de tédio".

(Editorial da revista *O Clube Zero* – agosto de 2009.)

"No interior do porta-cartões,
postais do Rio, de Vitória e Carangola,
de primos que, sublimes, passearam
no Bois de Boulogne"

(ANDRADE, Carlos Drummond. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. p. 921.)



Composição: Otávio Ferreira

"Qualifico esta obra não como um apanhado cultural, mas como um apanhado afetivo vivido e encontrado nestas terras mineiras. O que não é real na íntegra, na realidade se tornou um misto de tudo o que escutei com a memória e as linhas se ocupam sem falar nesse afeto fugidio".

(PIMENTEL, Mônica. *Minas*. Carangola: Minasgraf, 2005. p. 13)

"Conserva com carinho velhos postais da cidade, que mostram ruas e casas há muito modificadas, mas no íntimo as imagina como intactas e as vê reconstruídas como escombros".

(CARELLI, Rogério. *Efemérides carangolenses* (1827-1959). Viçosa: Editora Folha de Viçosa, 2002.)

"No que se refere à ocupação de Santa Luzia do Carangola, a partir da década de 1840 as fronteiras agrícolas foram se expandindo com roças e construções, permitindo a fixação de aventureiros às margens ao longo do curso do rio Carangola e com a ampla intensificação da introdução dos tropeiros pelos sítios".

(Randolpho Radsack Corrêa. Anotação do historiador para um artigo. Mostrada a mim durante uma conversa no Café Mixirica, em Carangola. Data incerta.)

"Em 7 de janeiro de 1882, João Ribeiro de Almeida Tostes, Vereador da Câmara Municipal de São Paulo do Muriaé, deu posse ao primeiro Governo Municipal instalado em Carangola".

(*Gazeta de Carangola* – edição histórica do primeiro centenário da cidade.)

"A Zona da Mata seria relegada a um plano secundário. A depressão de 1929, caracterizada pela queda dos preços do café, conduzira os fazendeiros de Carangola à única alternativa: criação de rebanhos bovinos. Acrescida a circunstância de estarem também as terras cansadas e ser de custo elevado a recuperação delas pela adubagem. O êxodo iniciado nos primeiros anos da crise acentuou-se no decênio seguinte. A comunidade teve a sua estagnação decretada".

(MERCADANTE, Paulo. *Crônica de uma comunidade cafeeira*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1990. p. 137).

"Já vem de muito longe, como se vê, a situação de penúria financeira dos nossos municípios".

(LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 239)

Imagem: Gilmar Soares

"Com as cinzas da quarta-feira. Como o tempo leva tudo, ele também, aos poucos, nos acostuma a viver com a Falta".

(AZEVEDO, Elaine. "Memórias inventadas". *Jornal da Cidade*. 31 de setembro de 2012.)

"Chega de romantizar Carangola, fazer versos para um rio sujo, maltratado pela ignorância. Chega de idealizar – a cidadezinha é qualquer. O que a realidade esfrega impiedosa na nossa cara é que temos jovens e não fazemos nada por eles; temos escolas e atuamos muitas vezes contra elas; temos carnaval e tiramos dele o samba e a fantasia: a literal e a subjetiva".

(BEVILÁQUA, Ludimila. "Carangolando". *Jornal da Cidade Online*. 13 de maio de 2011.)

"Porque a Cultura Carangolense – desde a crise de 1929 e neste momento – precisa ser Aço para resistir à melancolia e ao coronelismo político. Porque já (quase) dizia o Hino de Carangola: esta terra espalha gente que não suporta o tédio não. Porque já dizia o Tá Quem Guenta: é preciso tapar o buraco que existe em nosso peito.

(Na Lira 21 de Abril, soava, sem força, um solo de sax...)"

(*Manifesto CulturAÇO*. Fevereiro de 2015.)

"Havia também as filhas do fazendeiro espalhadas pelos campos e cachoeiras: ora escalando mangueiras, ora inventando trilhas, ora cavalgando o vento – o Vazio".

(QUEIROZ, Hélen. *Bordado de pirilampos*. Paraty: Selo Off Flip, 2016.)

"Nas madrugada da cidade grande chorei
Até pensei desistir e voltar
Voltar pra casa da mãe
Mandar recado procê
Que hoje eu quer te ver no baile do CTC"

(Letra de João Francisco.
Escutada em Belo Horizonte. Data incerta.)

"Lá fora, você olha o céu estrelado, miríades de estrelas brilhantes, gratuitas, a brisa leve e pura, a lua linda e imensa, e você sorri, triste: fim de semana que vem eu vou pra minha casa dos meus pais e lá é minha ilha de tranquilidade e uma rapisódia azul ecoa na minha cabeça mesmo quando estou a milhas e milhas distante será que ela está sempre me esperando do jeito que eu deixei da última vez"

(RODRIGUES, Lauricy Belletti & RODRIGUES, Emílio Sérgio Belletti. *O tempo no jardim & Saudade do futuro*. Belo Horizonte & Carangola: O lutador & Minasgraf, 1986 & 2001. p. 52 & 93.

Imagem: Thiago Assis Felisberto Petronilho

Richard Plácido nasceu em Maceió (Alagoas), em 1985. É escritor e mestre em Estudos Literários (PPGLL/UFAL). Publicou dois livros: o de poemas *Entre ratos & outras máquinas orgânicas* (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2016) e o de contos *Da casa o nome* (Ofélia edições, 2019). É autor, também, de textos publicados em revistas literárias, entre as quais *Alagunas*, *Mallarmargens*, *Gueto* e *Escamandro*. Contatos: richardplacido.com; placidorichard@gmail.com.

*

“Espelho de um caminho com ratos” e “Centro” integram *Entre ratos & outras máquinas orgânicas*. “Cidade morta”, publicado originalmente em *Da casa o nome*, é aqui reapresentado com alterações. “Rotina N. 2” e “Iberê a cavalo” são inéditos.

CIDADE MORTA

Ser terremoto lúcido. Agosto, setembro; a direção errada, é onde o mistério se observa. O dia é o princípio para o nada. Uma dor, uma dor. O presente esquecido do filho, embrulho seco, desbotado. Agenda colorida. Sangue, mel e sangue.

filho, pelo amor de deus

filho

O filho traz à mão um pé de pimenta. O peito aberto, a jaula dos olhos entreaberta. A receita do bolo de ostras. A receita de galinha ao molho pardo. Janelas escancaram o medo do rancor alheio. Vertigem. Penitenciar os ossos do pé.

Quebrado o gelo, observa-se um movimento de pés a dançar a última dança. Há em determinado tempo um tempo prescrito. A música repetida na radiola desgastada. Discos obsoletos acordam e dançam um samba noturno. Estrelas se orientam fixas no despertador, que se enlaça em carne. Que se contradiz como a carne à procura de um sal, que seja roxo, se prateando. As estrelas sofrem. A má vontade é herdeira do compromisso. Rouxinóis dourados cutucam o universo. Amedrontam espaços cicatrizados. Faróis circulam apressados. Pessoas atravessam rios vazios. À margem, caracóis concebem placas de trânsito. À margem, tartarugas cospem cimento, afobados pés emolduram tragédias. Há um canto fixo na tela do computador. É de lá que surgem as esperanças. Desmanchar

projetos. A ponte voa entre os canteiros. Chuva de comprimidos. Bocas abertas e luzes amarelas rodopiando entre os prédios. Quase um desconcerto. No ponto de ônibus, pernas e joelhos amargos são ignorados. Mãos em decomposição. Cheiro de jasmim na barraca de caldo de cana. A luz é o câncer do outro. A busca amarga por um sentido. O sentido errado. Não há como retomar o sonho do começo. Resta olhar para o fundo da panela, onde animais dormem o sono matinal. Recomeçar o jogo, prender os ratos na panela de pressão. A panela dança. Acender o fogão.

O filho morto. A mãe morta. O rouxinol morto. Os caracóis reinam, vivenciam o fim do tempo. O tempo é a lucidez de uma agulha perdida. O metal murcho, a veia saltando e, após longo tempo, a calmaria assusta o arquiteto, que revende folhetos usados. Vértebras destrancam o pudor. Na mão do menino, as raízes da pimenteira explodem falanges automotivas. O cigarro, a barata e o recado direto para quem se fecha em insignificâncias.

CENTRO
daqui de cima
me sinto um estrangeiro
de qualquer lugar

dizem que todo centro é igual
ratos prédios iluminação amarela

ladeira cortejando igreja
árvores ingerindo poeira motorizada

antigos sinos
erguidos aos lados
novos prédios
sinal aberto
fechado
monumentos lacrados

o centro é
cheio de fachadas

ROTINA N. 2
seis hora da manhã
o homem e seu suco de laranja
dentes podres se desprendem
nas migalhas no prato mergulham
o homem cata um por um
coloca de volta na boca
chupa mastiga engole
o homem flutua até o banheiro
escova com sangue a língua
ensopa de mijo a marmita do almoço
dá descarga

meio dia
o homem caga no banheiro do chefe
esfrega o cu na agenda do gerente
envia por fax a sua merda empoeirada
divide a marmita com os colegas preferidos
o arroz e sua camada amarela
alimenta o ranço

duas horas da manhã
o homem atravessa a rua
nas mãos sacolas de compras
os pés descalços
a camisa de botão entreaberta
ele sente nos calcanhares

o peso do dia
a dor das reuniões intermináveis
dos carimbos enferrujados
do cabo de rede
ainda dependurado em seus ouvidos

ESPELHO DE UM CAMINHO COM RATOS
é um caminho sem volta esse da morte
estamos cá de repente estamos lá rumo ao paraíso
assim seria se a noite fosse mais clara
prefiro morrer à noite bem noitinha
sem incomodar sem ser incomodado

permanecerei perdido sem a luz
que encandeia aqueles espelhados

tenho um espelho
não sou espelhado

é um caminho logo esse da morte
o espelho da vida irreflexo
a escuridão não me amedronta
sou um rato sedento por lixo

caminho rápido esse do rato
inteligente esse rato
rato come rato se estiver com fome
a carne brota o sangue envenenado

o rato come tudo
inclusive o dia
o buraco negro do rato é a noite mal dormida

IBERÊ A CAVALO

Quando vi o estrábico branco em meus lençóis, no canto da parede, não consegui reagir. Havia fumaças no meu sangue. Acordamos cheios de dores internas. Na praça de luzes calmas, a encontramos, a mãe de todos os mortos. No embrião das situações, é ela quem acende os conflitos. E o véu negro do céu cobrindo nossos três corpos.

Os olhos se acenderam e dobraram e dobraram numa confusão dentro da baioneta. Não imaginávamos que ao entardecer as pessoas não teriam a magia de hortelãs da folha miúda amassadas no prato arrastado para trás. Flutuamos feito três condenados à morte, como se sentados à poltrona da sala de espera do paraíso, preenchendo formulários on-line. Havia fumaça nos bolsos e acordamos sem prazer algum.

O corpo desnudo, rijo, a bicicleta dada a prazeres absolutos. Nada disso se encontrava na loja de conveniência, mas trabalhava lá um homem. Degolado, o chão encerado, agora sujo, gota a gota, sujo. A bicicleta à venda descansava sobre a boca do túmulo. A derradeira palavra é rubra, o sorriso despido encara lentamente, ramo a ramo, o cheiro de ossos trincados.

O homem cujo assassino futuro ainda está na sala de parto faz da andança a cavalo, em esquinas e janelas trancadas e lojas de bibelôs, seu percurso inacabado. Ainda faço parte da vida dela, da quarta esfinge, do rato mordendo confusamente o dedo. Abro com certa dificuldade a boca do rato, sinto os seus dentes roçando as unhas, o

pelo se mistura à carne, tudo tão macio, ingênuo, tudo tão molhado. Não acredito em tartarugas do mar, disse a mãe, cujos filhos agora descansam. O cavalo morto atormenta a menina, e o cinza-marrom dos dias atuais invoca rodas em chamas, que sobrevoam sinceras o nada.